

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS

BIANCA REIS DE MORAES

NARRATIVAS DA INVISIBILIDADE:

**A representação do diferente em narrativas da literatura brasileira do século
XIX a XXI**

São Leopoldo
2019

BIANCA REIS DE MORAES

NARRATIVAS DA INVISIBILIDADE:

**A representação do diferente em narrativas da literatura brasileira do século
XIX a XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras/Português, pelo Curso de Letras da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientador(a): Prof^a Dr^a Eliana Inge
Pritsch

São Leopoldo

2019

As existências invisíveis, aos olhos de uma sociedade que não acolhe as diferenças e a liberdade plena de existir.

AGRADECIMENTOS

Minha existência na universidade me ensinou que os sonhos são feitos das mais diversas sensações: o conhecimento, o medo, a invisibilidade, a escuridão, o cansaço, a esperança, a luz e a persistência. Portanto nessas linhas quero expressar minha imensa gratidão àqueles que iluminaram minha trajetória com uma palavra, um abraço ou singelas atitudes:

A minha mãe por sua dedicação e amor incansáveis. Por cada xícara de café, por acreditar nos meus sonhos e por cada madrugada relendo essa pesquisa quando meus olhos não eram mais capazes. Tu és a minha luz, te amo além da vida!

A meu pai (in memoriam) por sua diferente forma de sentir o mundo, ter sido uma das minhas inspirações guardadas em algum lugar das minhas recordações.

A Flávio (“meu padrasto”) por seu incentivo e pelas incontáveis idas e vindas até a universidade.

A meu irmão e a toda minha família por ser minha história, portanto parte do que sou.

À Larissa, minha “prima/irmã”, por um dia ter me dito que meu sorriso era um ato revolucionário.

À minha amada professora Eliana, por seu “jeito Eliana de ser”, capaz de unir o conhecimento e a sensibilidade de uma forma única. Minhas palavras não são capazes de traduzir o tamanho da minha gratidão, obrigada por ter feito a literatura me fazer companhia em dias tão difíceis. Obrigada por sua paciência ao ler/reler em voz alta cada trecho em nossas longas tardes juntas.

Às minhas amigas Ingritt e Tamires, companheiras nessa trajetória da graduação, por alegrarem minha alma a cada instante juntas.

A meu querido amigo João por suas palavras tão poéticas e acolhedoras.

A Ariel por ter lido esse estudo ainda, em fase de construção alertando-me sobre a complexidade de abraçar esses dois mundos.

A Sara Bentes por sua escrita ter sido capaz de traduzir/iluminar minha alma.

Ao leitor deste estudo minha imensa gratidão.

“Lembro que, quando tudo começou, era escuro. E hoje, depois de todos esses anos de labirinto, todos esses anos em que avanço pela neblina empunhando a caneta adiante do meu peito, percebo que o escuro era uma ausência. Uma ausência de palavras. Essa escuridão é minha pré-história. Eu antes da história, eu antes das palavras. (...) Sempre vou temer o retorno da escuridão, que para mim é o mundo sem palavras.”

Eliane Brum

RESUMO

Este estudo pretende ressignificar a representação do diferente, pensada aqui no viés das pessoas com deficiência. A metodologia de análise de cunho qualitativo incidiu sobre narrativas brasileiras do século XIX à XXI, optou-se pela investigação da representação do diferente no viés dos transtornos mentais, aqui tratados como loucura nos contos “O alienista”, de Machado de Assis (1882), e “Soroco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa (1962). Para a representatividade da deficiência visual, examinamos os contos “As cores”, de Orígenes Lessa (1960), “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, de Alcântara Machado (1928), e o romance *E não se esqueçam de regar os girassóis* de Sara Bentes (2016). A pesquisa bibliográfica está ancorada principalmente nos estudos de Foucault (1978, 1979), Candido (2006), Werneck (1999), bem como na legislação brasileira (BRASIL, 2012, 2015). Através dessa amostragem investigativa, constatou-se que a loucura, mesmo sendo tema bem recorrente no cenário literário brasileiro, esbarra nas delimitações de normalidade, aceitas socialmente, ao mesmo tempo em que aparece refletida na sociedade como um todo. Com relação à deficiência visual, ainda há uma invisibilidade de representações verossímeis dessas personagens, se considerarmos o inventário literário brasileiro. Conclui-se que a literatura sendo o espelho de uma sociedade ainda reflete as diferenças de maneira distorcida e limitada, não reconhecendo no outro, traços de sua própria existência.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Representação do diferente. Pessoas com deficiência. Loucura. Deficiência visual.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
1 INTRODUÇÃO	7
2 AS RAÍZES DAS DIFERENÇAS	11
3 AS DIFERENÇAS: DIREITO E LEGITIMAÇÃO	15
3.1 O DIFERENTE: PARÂMETROS E LEGISLAÇÃO	15
3.2 A LOUCURA: PARÂMETROS E LEGISLAÇÃO	20
4 LITERATURA: ESPELHO DE UMA SOCIEDADE?.....	23
4.1 A LOUCURA NA LITERATURA BRASILEIRA	27
4.1.1 “O alienista”, de Machado de Assis	28
4.1.2 “Soroco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa	36
4.2 O APAGAMENTO DO DIFERENTE AOS OLHOS DA LITERATURA BRASILEIRA	40
4.2.1 “As cores”, Orígenes Lessa	42
4.2.2 “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, Alcântara Machado	46
4.2.3 <i>E não se esqueçam de regar os girassóis</i> , de Sara Bentes	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69

1 INTRODUÇÃO

Desde pequena, em meus primeiros contatos com a palavra literária, meus olhos míopes e curiosos iam à busca de histórias diferentes e de universos distantes. Os livros representavam um lugar de liberdade para aquela pequena leitora que ainda não conhecia os limites entre o real e o imaginário. Enquanto folheava aquelas páginas amareladas, percebo que buscava ali na literatura uma expressão do que eu era, ia à busca de um existir. Dessas inquietações infantis e subjetivas nasceram as inquietações acadêmicas, que se transformam no presente estudo.

Para além dessas percepções íntimas, os escritos literários são manifestações sociais e históricas, sendo capazes de aprisionar ou libertar trajetórias. Nesse sentido, pretende-se investigar de que forma a literatura, notadamente a literatura brasileira, representa o “diferente”, o “outro”, levando em conta principalmente os parâmetros de normalidade/anormalidade estabelecidos convencionalmente.

Se a literatura é representação da sociedade (ainda segundo a própria ideia aristotélica de mimese), a brasileira será marcadamente representativa da realidade nacional. Precisamos então compreender como essa expressão literária representa a figura do diferente, pensado aqui pelo viés das pessoas com deficiência, sendo divididas em subgrupos de acordo com suas necessidades específicas: de natureza física¹, sensorial (auditiva e visual) e ou cognitiva (mental ou intelectual). Cabe destacar que nessa classificação existem ainda, as chamadas deficiências múltiplas ao se inscrever em duas ou mais dessas classificações, ultrapassando barreiras meramente definidoras. Além dessa tipificação, também são considerados, em cada classificação, os diversos níveis de comprometimento na interação com os espaços sociais. O conceito de deficiência encontra-se em constante evolução, assim como esperamos que também ocorra com a humanidade, por isso neste estudo buscaremos superar a apresentação de conceitos tradicionais acerca do tema.

¹ Entende-se por deficiência de natureza física as restrições motoras, de modo amplo, havendo inúmeras subdivisões. De natureza sensorial, destacam-se, principalmente, as auditivas e visuais, possuindo níveis. De natureza cognitiva, há duas importantes divisões: mental e intelectual, podendo um transtorno mental levar a um comprometimento intelectual. Uma esquizofrenia, por exemplo, é um transtorno mental que pode comprometer a competência intelectual. Para todas essas deficiências, há inúmeros níveis, do brando ao severo.

Em suma, ressaltamos que esses indivíduos compõem o maior grupo minoritário do mundo segundo estudos recentes. Surpreendentemente, no entanto, a deficiência não é suficientemente retratada na literatura. Devido à invisibilidade dada a questão, destacamos a dificuldade em inventariar um *corpus*; por isso optamos por realizar uma amostragem não exaustiva de personagens que se encaixem nos perfis de análise, pois não se tem a intenção de esgotar todas as ocorrências. Para fins de delimitação, elegemos narrativas da literatura brasileira dos séculos XIX a XXI. Acreditamos também que o tratamento dado a essas pessoas no universo literário poderia/deveria ser o espelhamento das práticas no contexto histórico, social e legal. A diversidade representada será ressignificada, à medida que buscarmos alicerçar as presentes representações questionando de que forma elas ocorrem, e que práticas, estereótipos e padrões de comportamentos históricos e sociais refletem.

Em razão dessa amplitude temática, buscamos evidenciar a figura do diferente, aqueles que historicamente eram excluídos do contexto social. O objeto principal desta análise serão as representações literárias da sociedade no aspecto da deficiência intelectual, observando especificamente os transtornos mentais (definidos popularmente como loucura) e a deficiência visual. Para pensar as diferenças no aspecto da loucura, serão analisados dois contos: “O alienista”, de Machado de Assis (1881), e “Soroco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa (1962). Com relação à temática das pessoas com deficiência visual, optamos pela análise dos seguintes textos: os contos “As cores”, de Orígenes Lessa (1960), e “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, de Alcântara Machado (1928), e o romance *E não se esqueçam de regar os girassóis*, de Sara Bentes (2016).

As concepções de deficiência e seus limites estão baseadas nos estudos de Werneck (1999, 2000), amparadas nas definições presentes na legislação brasileira. Os limites entre razão/loucura estão ancorados, no decorrer do presente estudo, basicamente, nas teorizações de Foucault (1978, 1979). Antonio Candido (2006) é o aporte para refletir sobre a literatura como representação da sociedade. Além dessas correntes teóricas principais, outras fontes bibliográficas basearam o estudo.

Por um lado, serão pesquisados os limites entre a “normalidade” e a “anormalidade” e quem os institui; por outro, se quisermos tratar o tema da deficiência como representação da realidade, é importante examinar as políticas públicas de inclusão existentes, a legislação, bem como os estereótipos presentes no contexto social, a fim de relacionar com esses contextos literários.

A figura do diferente, do outro está intimamente ligada a uma concepção segregadora e excludente, sendo a sociedade intolerante às diferenças, classificando-as como marcas limitantes, se estiverem relacionadas à deficiência.

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores² ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. Quase sempre expropriado na vida econômica e social, ao integrante do grupo subalterno lhe é roubada ainda a possibilidade de falar de si e do mundo ao seu redor. E a literatura, amparada em seus códigos, sua tradição e seus guardiões, querendo ou não, pode servir para referendar essa prática, excluindo e marginalizando. Perde, com isso, uma pluralidade de perspectivas que a enriqueceria. (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 38).

Esses olhares distorcidos sobre a diversidade humana trazem necessárias reflexões sobre o lugar ocupado pelo diferente em nossa literatura e conseqüentemente na sociedade brasileira. Essas pessoas existem, não podemos continuar escondendo/prendendo/negando suas existências, pois é como se, agindo dessa forma, estivéssemos negando a existência da diferença presente em cada um de nós.

Ao inverter a lógica da diferença como uma marca expressa somente no outro, fazendo-nos enxergá-la como inerente a todos nós, José Saramago³ (1995) utiliza a cegueira como metáfora da cegueira moral e social: “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos. Cegos que veem. Cegos que vendo, não veem” (SARAMAGO, 1995, p. 310). Essa reflexão convida-nos a questionar quando foi que paramos de enxergar o outro, sendo incapazes de ver além de suas condições físicas, intelectuais e/ou sensoriais.

Nesse sentido, o presente estudo justifica-se, pois nele buscaremos a existência de histórias que representem essas trajetórias que devem ser lidas/vistas/conhecidas pela literatura e pela humanidade. No Capítulo 2, intitulado “As raízes das diferenças”, os escritos de Foucault auxiliam na compreensão das raízes históricas que permeiam o conceito da diferença. A partir desse inventário é possível examinar, no Capítulo 3, as definições legalmente instituídas referentes às

² Dalcastagnè, provavelmente à época em que escreveu, ainda não levou em conta a nova nomenclatura, que abandona o termo “portador de deficiência” ou “deficiente” por “pessoa com deficiência”.

³ Em seu romance o *Ensaio sobre a cegueira*.

peças com deficiência, de modo geral e, em específico, as de natureza mental e sensorial.

Posteriormente, no Capítulo 4, “Literatura: espelho de uma sociedade?”, propomos reflexões acerca da literatura brasileira, enquanto manifestação da sociedade no viés da representação das pessoas com deficiência, especificamente no aspecto da loucura e da deficiência visual. Para isso, analisamos as narrativas que compõem o *corpus* da análise.

2 AS RAÍZES DAS DIFERENÇAS

Para entender as raízes das diferenças, primeiramente se faz necessário voltar nosso olhar para discursos historicamente legitimados, para tanto examinaremos os escritos de Foucault (1979, p. 13, grifo do autor),

Procurar uma tal origem é tentar reencontrar "o que era imediatamente", o "aquilo mesmo" de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira.

Nesse sentido, gostaríamos de esclarecer que, para nós, o tratamento dado às diferenças será sinônimo de marca complexa e universal do ser humano, não ficando limitadas apenas a questões de deficiência. Mas, pela necessidade de delimitação investigativa durante a realização de uma pesquisa em final de curso, nossos estudos incidiram sobre esses grupos específicos.

Dessa forma nos debruçaremos sobre a obra *Microfísica do poder* (1979), na qual Foucault discorre sobre a construção histórica do poder. Para o autor, o poder define-se como uma rede de relações que perpassam todo o corpo social. Todos nós estamos ligados a essa rede, que poderíamos dizer metaforicamente é uma rede de fios invisíveis, pois nos amarra sem que percebamos. Quando estabelecemos essas relações, conforme dialogamos com o mundo, vamos ocupando posições previamente definidas.

Em certo sentido, a peça representada nesse teatro sem lugar é sempre a mesma: é aquela que repetem indefinidamente os dominadores e os dominados. Homens dominam outros homens e é assim que nasce a diferença dos valores; classes dominam classes e é assim que nasce a idéia⁴ de liberdade; homens se apoderam de coisas das quais eles têm necessidade para viver, eles lhes impõem uma duração que elas não têm, ou eles as assimilam pela força – e é o nascimento da lógica. Nem a relação de dominação é mais uma "relação", nem o lugar onde ela se exerce é um lugar. E é por isto precisamente que em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos; ela se torna responsável pelas dívidas. Universo de regras que não é destinado a adoçar, mas ao contrário a satisfazer a violência. (FOUCAULT, 1979, p. 14-15, grifo do autor).

⁴ Optamos, ao longo do trabalho, em utilizar a ortografia original das citações, não fazendo a atualização em consonância com o Acordo Ortográfico.

Desde a antiguidade, o poder estava intimamente ligado ao saber, ou seja, aqueles que detinham o poder eram os responsáveis por estabelecer as fronteiras do certo/errado, verdadeiro/falso. Assim, formou-se o par poder/saber com raízes difíceis de ser arrancadas. Para Foucault (1979, p. 11, grifo do autor), há três tipos de especificidade:

[...] a especificidade de sua posição de classe (pequeno burguês a serviço do capitalismo, intelectual "orgânico" do proletariado); a especificidade de suas condições de vida e de trabalho, ligadas à sua condição de intelectual (seu domínio de pesquisa, seu lugar no laboratório, as exigências políticas a que se submete, ou contra as quais se revolta, na universidade, no hospital, etc.); finalmente, a especificidade da política de verdade nas sociedades contemporâneas. E então que sua posição pode adquirir uma significação geral, que seu combate local ou específico acarreta efeitos, tem implicações que não são somente profissionais ou setoriais. Ele funciona ou luta ao nível geral deste regime de verdade, que é tão essencial para as estruturas e para o funcionamento de nossa sociedade.

Desse modo, surgiu o conceito de normalização dos indivíduos que impõe os limites da fronteira entre o normal e o anormal. Esse ideal de normalidade foi um discurso historicamente construído e, portanto, acolhido socialmente, legitimando e mantendo padrões de normalidade. Essas barreiras só poderão ser ultrapassadas, quando esses padrões forem questionados. E, para isso, se faz necessário interrogarmos de que forma essas estruturas de poder se relacionam. Em outras palavras, aproximar nosso olhar dessas práticas, desvelando o que envolve esses enunciados que os torna verdadeiros e aceitáveis.

A análise realizada por Foucault (1979), sobre o complexo processo de construção da verdade, nos faz reencontrar com diversas práticas que eram socialmente acolhidas. Em séculos passados, por exemplo, acreditávamos nas disputas bélicas, como sendo a única forma de resolver os conflitos. Ou, ainda, a prática comum de prender todos aqueles considerados doentes, sendo afastados do convívio social.

O objetivo de voltarmos nossos olhos para a história não é somente a fim de demarcar nossa origem, mas principalmente está em olhar para a história para compreendermos como se constitui o presente.

Recuperando as ideias de Nietzsche sobre "origem", na visão de Foucault (1979, p. 14), é necessário escavar sem medo na busca da verdade.

Entretanto, não se trata de modo algum de reencontrar em um indivíduo, em uma idéia ou um sentimento as características gerais que permitem assimilá-los a outros – e de dizer: isto é grego ou isto é inglês; mas de descobrir todas as marcas sutis, singulares, subindividuais que podem se entrecruzar nele e formar uma rede difícil de desembaraçar; longe de ser uma categoria da semelhança, tal origem permite ordenar, para colocá-las a parte, todas as marcas diferentes [...].

Existem diferentes verdades até mesmo com relação à capacidade do ser humano em compreender o outro. Para Foucault (1979), a compreensão do outro se pode dar de duas maneiras bem distintas. Primeiramente, considerá-lo como um sistema determinado, representante de cultura diversa. Nesse sentido, a visão que temos de alguém desigual é definindo-o como *necessários e modificáveis* (FOUCAULT, 1979). Ou seja, admito sua importância, já que preciso de outro ser para construir relações de conflito ou afeto. Por outro lado, o consideramos como passível de mudança, uma vez que não aceito suas especificidades e busco sempre modificá-lo a fim de encaixá-lo em padrões comportamentais anteriormente determinados.

Para Foucault (1979, p. 97),

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns.

A verdade seria um mecanismo interligado a esse sistema de dominação. Portanto, precisamos buscar desvinculá-la desse contexto do poder, para colocar outros discursos em circulação. A importância de separar a verdade dos sistemas de poder está em compreendê-la como algo dinâmico, que deve circular livremente pelos lugares mais diversos possíveis, pois aquilo que chamamos de verdadeiro não pode ser privilégio de alguns.

Atualmente, temos a consciência de que os intelectuais não são os únicos detentores do saber, e de certa forma descobrimos que podemos construir nossas próprias verdades de uma maneira muito mais clara e genuína.

No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para poder produzir riquezas. Por outro lado, estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo

efeitos específicos de poder. Portanto, regras de direito, mecanismos de poder, efeitos de verdade, ou regras de poder e poder dos discursos verdadeiros constitui aproximadamente o campo muito geral que escolhi percorrer apesar de saber claramente que de maneira parcial e ziguezagueando muito. (FOUCAULT, 1979, p. 101).

Desde a Idade Média, cada sociedade produz suas verdades e as legitima. Muitas vezes, no entanto, podem ser crenças distorcidas, que são reproduzidas por determinadas instituições e/ou figuras detentoras do saber, acerca de grupos sociais específicos. Essas práticas discursivas e atitudinais contribuíram para construção de padrões físicos, intelectuais e morais.

[...] o mundo tal qual nós o conhecemos não é essa figura simples onde todos os acontecimentos se apagaram para que se mostrem, pouco a pouco, as características essenciais, o sentido final, o valor primeiro e último; é ao contrário uma miríade de acontecimentos entrelaçados; ele nos parece hoje "maravilhosamente colorido e confuso, profundo, repleto de sentido"; é que uma "multidão de erros e fantasmas" lhe deu movimentos e ainda o povoa em segredo. (FOUCAULT, 1979, p. 18, grifo do autor).

Nessa perspectiva, o ser humano é o resultado de todas essas construções de padrões históricos que levaram à classificação das deficiências, catalogadas em físicas, mentais e sensoriais, sendo umas mais mensuráveis/ evidentes que outras, gerando fronteiras de indefinição desses limites.

3 AS DIFERENÇAS: DIREITO E LEGITIMAÇÃO

Para compreender as representações sociais do diferente, antes de penetrar no universo literário, primeiramente examinaremos brevemente o contexto legal da temática.

3.1 O DIFERENTE: PARÂMETROS E LEGISLAÇÃO

Essas pessoas têm suas existências reconhecidas, a partir do momento em que são inseridas no contexto legal, daí a importância de considerarmos sua presença neste âmbito. Afinal, as leis estabelecem direitos, portanto podem negar ou legitimar existências.

Esses grupos minoritários vêm crescendo nas últimas décadas. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010, aponta-se que 24% dos brasileiros possuem algum tipo de deficiência, representando 45 milhões de pessoas.

As pessoas com deficiência ou PCD constituem 1 bilhão de pessoas, segundo dados recentes recolhidos em 2011 pela ONU (Organizações das Nações Unidas), durante um levantamento da OMS (Organização Mundial da Saúde) considerando uma população mundial com 7 bilhões de pessoas. Com dados da época, seria como se, a cada 7 pessoas, uma possuísse algum tipo de condição específica.

As concepções aqui descritas serão norteadas pela definição presente na Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, que descreve:

[...] Pessoas com deficiência são, antes de tudo, PESSOAS. Pessoas como quaisquer outras, com protagonismos, peculiaridades, contradições e singularidades. Pessoas que lutam por seus direitos, que valorizam o respeito pela dignidade, pela autonomia individual, pela plena e efetiva participação e inclusão na sociedade e pela igualdade de oportunidades, evidenciando, portanto, que a deficiência é apenas mais uma característica da condição humana. (BRASIL, 2012, p.12).

Essa descrição constrói um novo olhar sobre as questões de diversidade, ao afastar aquela crença que relaciona à deficiência a ideia de limitação. Assim, a sua condição atípica é percebida como apenas mais uma característica, entre tantas

outras que aquela pessoa possui. Nesse sentido, elucida conceitos relativos aos direitos humanos, que estabelece, no Artigo II,

Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (BRASIL, 2012, p. 91).

Durante muitas décadas, esses grupos minoritários, bem como as questões de diversidade, não eram apresentados nesses documentos oficiais. Essas pessoas sempre existiram, mas eram impedidas de exercer sua cidadania plena em razão de uma prática que produziu desigualdade e visões capacitistas. Inclusive a superação do termo *portador de deficiência*, substituída por *pessoas com deficiência* está ligada justamente a compreender o ser humano primeiramente como uma pessoa, condição que nos une, e não apenas como sua condição atípica. Sabemos que esses são termos ou nomenclaturas carregadas de sentidos estigmatizados sobre os quais precisamos repensar. Mas, também estamos conscientes de que precisamos superar essas classificações nominais.

Para que possamos desconstruir esse ideal de normalidade dos indivíduos, é preciso um olhar voltado às questões de diversidade, através das definições e caracterizações instituídas nos decretos.

A Convenção da ONU sobre os Direitos das pessoas com deficiência foi obra-base para decretos posteriores, segundo consta no próprio material disponibilizado pelo governo brasileiro, e incorporada à legislação brasileira apenas em 2009. Esse apresenta algumas inovações, dentre as quais destacamos, como uma das principais, a desconstrução da ideia de deficiência. O texto propõe o descolamento da deficiência como pertencente à determinada pessoa, sendo a limitação vinculada às barreiras atitudinais e aos ambientes físicos. Essa amplitude de olhares sobre as condições humanas será essencial para uma desconstrução árdua e necessária.

A convenção representa, para essas pessoas, não somente um documento oficial, mas um manifesto essencial, na apresentação de trajetórias historicamente invisibilizadas, não apenas como pessoas com necessidades especiais, mas como “portadores” de direitos que devem ser respeitados.

Esse ideal de uma sociedade inclusiva começará a ser atingido quando admitirmos que,

Estamos conscientes, por exemplo, de que hoje não é o limite individual que determina a deficiência, mas sim as barreiras existentes nos espaços, no meio físico, no transporte, na informação, na comunicação e nos serviços. Tudo isso nos impõe grandes desafios, uma vez que, ao ratificar a Convenção, assumimos diversas obrigações para garantir a equiparação de oportunidades entre pessoas com e sem deficiência em todo o território nacional. (BRASIL, 2012, p.11).

Baseado no que determina a ONU, a convenção brasileira estabelece que:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2012, p.22).

Além disso, outro aspecto encontrado é a superação do vínculo imediato das pessoas com deficiência a doenças patológicas, contagiosas e incuráveis.

Outro grande avanço foi à alteração do modelo médico para o modelo social, o qual esclarece que o fator limitador é o meio em que a pessoa está inserida e não a deficiência em si, remetendo-nos à Classificação Internacional de Funcionalidades (CIF). Tal abordagem deixa claro que as deficiências não indicam, necessariamente, a presença de uma doença ou que o indivíduo deva ser considerado doente. Assim, a falta de acesso a bens e serviços deve ser solucionada de forma coletiva e com políticas públicas estruturantes para a equiparação de oportunidades. (BRASIL, 2012, p.18).

No oitavo artigo da Convenção, são expostos temas relevantes como padrões comportamentais e estereótipos. A proposta apresentada no terceiro item desse artigo é interessante, uma vez que coloca as PCDs em posições incomuns, que normalmente não ocupam na sociedade. O lugar de seres dignos de ensinar, de inspirar e sendo capazes de contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Esses lugares infelizmente ainda são pouco ocupados por essas minorias, que ainda são vistas como incapazes de produzir e inspirar. Não no sentido sentimental do termo, mas no sentido prático/concreto/pragmático. Essas pessoas sendo inspiradoras, por suas capacidades, destacam-se nas mais diversas áreas do conhecimento, e não apenas por suas histórias de superação permanentes ao enfrentar as barreiras cotidianas.

Nesse sentido, defende-se a importância de:

- b) Combater estereótipos, preconceitos e práticas nocivas em relação a pessoas com deficiência, inclusive aqueles relacionados a sexo e idade, em todas as áreas da vida;
- c) Promover a conscientização sobre as capacidades e contribuições das pessoas com deficiência. (BRASIL, 2012, p. 36).

O Artigo 14 trata sobre as questões de liberdade que, em séculos passados, não eram respeitadas, pois ainda acreditava-se que essas pessoas não podiam exercer livremente sua cidadania, realizar escolhas individuais e desfrutar da liberdade da existência.

Assim sendo prevê:

- a) Gozem do direito à liberdade e à segurança da pessoa; e b) Não sejam privadas ilegal ou arbitrariamente de sua liberdade e que toda privação de liberdade esteja em conformidade com a lei, e que a existência de deficiência não justifique a privação de liberdade. (BRASIL, 2012, p.41).

As concepções acima descritas foram legitimadas na Lei Brasileira de Inclusão (LBI) implantada recentemente, apresentando avanços consideráveis no que tange a proteção aos direitos e o acesso aos espaços públicos. A análise desses dados evidencia um crescimento significativo da diversidade da população. Mesmo assim, essas pessoas permanecerão sendo minorias, caso essa expansão não se reflita na sua presença concreta nos espaços sociais, legais, trabalhistas, educacionais e culturais.

Por isso, Claudia Werneck chama a atenção da necessidade de entendermos a sociedade como um todo:

Buscamos uma sociedade humana (ou humanística) brasileira, porque o TODOS da sociedade brasileira é um TODOS tacanho, sem flexibilidade para atender aos interesses de um mundo inclusivo no que se refere à diversidade humana, às diferenças biológicas individuais, às deficiências, às doenças crônicas etc. (WERNECK, 1999, p. 70, grifo do autor).

Na obra *Quem cabe no seu todos* (1999) a escritora e ativista pelos direitos das pessoas com deficiência, promove diversos questionamentos sobre a temática da inclusão, encarando-a como uma missão de toda a humanidade. Além disso, provoca-nos a refletir sobre o uso do termo “todos”, gramaticalmente classificado como um pronome definido dando uma ideia de unidade e pertencimento. Mas, quando são feitas afirmações de que toda a população tem acesso a direitos

básicos, na prática essas generalizações não ocorrem. Na medida em que certos grupos sociais ainda são vítimas da desigualdade, não possuem seus direitos respeitados e, principalmente permanecem sendo esquecidos.

Aprender a atuar dentro do conceito de sociedade inclusiva sem tropeçar nos limites de rotas estereotipadamente humanizantes ou desumanizantes, pois ambas abstraem, das pessoas com deficiência, sua singularidade. (WERNECK, 1999, p. 84).

A formação de Cláudia como jornalista é bastante interessante de ser analisada, pois a maioria das manifestações preconceituosas ou estereotípicas é produzida pela falta de informação e conhecimento com relação às capacidades e possibilidades das pessoas com deficiência. O papel da mídia, segundo Werneck, é fundamental na desconstrução de padrões além de ser uma fonte importante de visibilidade para a causa da diversidade. A superação do conceito de deficiência como inerente, exclusivamente, ao indivíduo desloca essa limitação para os espaços sociais e legais, determinando que sejam reexaminados. Essa visão é exposta também por Laura Patrón, durante sua palestra no TEDx “A solidão das mães especiais: Seja rede, seja aldeia”, na qual relata sua experiência como mãe de uma criança atípica. Durante sua fala, afirma que os lugares são deficientes, as ideias são deficientes, o marketing e o designer são deficientes, mas não as pessoas. Segundo as palavras de Laura, é necessária uma mudança de olhar sobre essas condições diversas, relacionando-as à força e não à fraqueza, corroborando com a ideia de desvelamento da pessoa e da deficiência e ligando-a aos espaços físicos e sociais.

A inclusão plena requer uma transformação social, ancorada a políticas públicas, respeito aos direitos, mas principalmente interligada a uma mudança de olhar sobre as diversas condições humanas. Para Werneck,

[...] sociedade inclusiva pressupõe revolução. Trata-se de uma proposta política que pretende alterar a estrutura constitucional do Estado. Do estado de fora e do estado de dentro. O estado interior de cada indivíduo. (WERNECK, 1999, p. 57).

A proposta de WERNECK (1999) é conceber a inclusão como uma luta universal, uma causa humana que inclui cada um de nós.

3.2 A LOUCURA: PARÂMETROS E LEGISLAÇÃO

No que diz respeito às deficiências mentais, é importante ainda lembrar os estereótipos sobre essas pessoas, classificando-as em normais ou anormais e reduzindo sua identidade ao diagnóstico. Nota-se a permanência dessa discussão desde os primeiros estudos de Foucault. Na obra *História da loucura* (1978), publicada originalmente em 1961, o autor realiza um apanhado de como a loucura foi um conceito criado pela sociedade com o objetivo de afastar do caminho os indesejados, mantendo-os presos em suas residências e/ou instituições. Em estudo posterior, na obra *O nascimento da clínica*, publicada em 1963, segue questionando a quem é atribuído o poder de dizer quem é normal, papel destinado à ciência e à medicina, o que permite que se possa repensar sobre os limites entre o normal e o patológico.

Na obra *História da Loucura* (1978), Foucault apresenta a dupla dimensão da loucura: circunscrita em um padrão de moralidade ou em uma visão médico-científica.

A loucura tem uma dupla maneira de postar-se *diante* da razão: ela está ao mesmo tempo *do outro lado* e *sob seu olhar*. Do outro lado: a loucura é diferença imediata, negatividade pura, aquilo que se denuncia como não ser, numa evidência irrecusável; é uma ausência total de razão, que logo se percebe como tal, sobre o fundo das *estruturas do razoável*. Sob o olhar da razão: a loucura é individualidade singular cujas características próprias, a conduta, a linguagem, os gestos, distinguem-se uma a uma daquilo que se pode encontrar no não-louco; em sua particularidade ela se desdobra para uma razão que não é termo de referência mas princípio de julgamento; a loucura é então considerada em suas *estruturas do racional*. (FOUCAULT, 1978, p. 203, grifo do autor).

A obra descreve como, no decorrer dos séculos, as transformações da sociedade influenciaram diretamente na evolução do conceito de loucura. No princípio, a loucura era vista muito mais como desatino ou desvio de conduta, relacionando-se a padrões de moralidade. Todos aqueles que não obedecessem às leis morais estabelecidas como verdadeiras eram classificados como doidos, sendo impedidos de participar de rituais religiosos ou da vida em sociedade. Apenas por volta do século XVIII, o conceito de doença mental foi estabelecido, surgindo um modelo comportamental, baseado na medicina científica. Voltaire⁵ (apud

⁵ Voltaire (1694-1778), filósofo francês, publicou, entre outras obras, o *Dicionário Filosófico*, referido por Foucault.

FOUCAULT, 1978, p. 202) afirma "Chamamos de loucura essa doença dos órgãos do cérebro que impede necessariamente um homem de pensar e agir como os outros". Por isso, para Foucault (1978, p. 202) "O louco é o outro em relação aos outros: o outro — no sentido da exceção — entre os outros — no sentido do universal."

A análise das citações acima nos faz observar a relação inconsciente que liga necessariamente a loucura à alteridade. Ou seja, nos faz enxergar as marcas da loucura, apenas no outro e/ou aquilo que desconhecemos. Essa reconstrução das ideias de Foucault, revisitando práticas da sociedade, permite-nos compreender a origem da vinculação imediata do diferente a qualquer traço de anormalidade. Assim, as manifestações das diferenças eram classificadas como insanidade. Segundo a Lei 13.146 de 6 de junho de 2015:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015, p.1).

Nessa perspectiva, damos um salto temporal, a fim de examinar a legislação atual. Essa chamada loucura é classificada segundo o modelo biomédico, como transtorno mental. O Decreto n. 5.296 (BRASIL, 2004, p. 1) estabelece a seguinte definição:

d) deficiência mental: funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas tais como:

1. Comunicação;
2. cuidado pessoal;
3. habilidades sociais;
4. utilização de recursos da comunidade; saúde e segurança;
5. habilidades acadêmicas;
6. lazer;
7. e trabalho.

Neste estudo, buscaremos a superação de modelos tradicionais de classificação, considerando as deficiências, principalmente pelo viés do paradigma social.

Destacamos a dificuldade em compreender os conceitos acerca dos transtornos mentais que abrangem desde ansiedade crônica, depressão até

esquizofrenia. A complexidade da existência humana não pode ser traduzida ou comparada, pois é constituída por traços singulares.

No processo de análise dessas definições, muitas variáveis devem ser observadas como os diferentes níveis de comprometimento, bem como os diversos tipos de classificações. Além de aspectos transitórios ou permanentes.

Cabe ressaltar que a deficiência intelectual refere-se ao aspecto cognitivo e não se confunde com o transtorno e doença mental. Outra observação importante é o fato de haver graus de deficiência definidos pelas limitações no aprendizado e outras habilidades adaptativas. (MAIOR, 2015, p.6).

Para melhor compreender as representações e quais espaços têm sido ocupados por essas pessoas, no decorrer do estudo analisaremos as representações presentes na sociedade brasileira através de suas manifestações literárias.

4 LITERATURA: ESPELHO DE UMA SOCIEDADE?

Desde o princípio da existência, a humanidade foi constituída por diferenças, sejam essas diferenças culturais, sociais, raciais ou ideológicas. Cada uma dessas marcas históricas é responsável por nos constituir, enquanto indivíduos livres e singulares.

Não seria possível pensar as diferenças, sem refletir sobre a individualidade e a diversidade presentes na constituição das relações humanas.

[...]se considerarmos apenas a predominância de um ou de outro [aspectos constantes], a distinção pode ser mantida, o que nos interessa aqui sobremaneira, pois foi feita com o pensamento em dois fenômenos sociais muito gerais e importantes: **a integração e a diferenciação**. A integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes em uns e outros. São processos complementares, de que depende a socialização do homem; a arte, igualmente, só pode sobreviver equilibrando, à sua maneira, as duas tendências referidas. (CANDIDO, 2006, p. 27, grifo nosso).

Assim, o homem assemelha-se à arte literária, incorporando o mesmo e o diverso, integrando e diferenciando. Para Candido (2006, p. 17), a representação da literatura pode ser o espelhamento da sociedade.

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade.

Os escritos literários refletem historicamente os costumes, as crenças e as tradições de determinada época e civilização. Conceber a literatura enquanto manifestação social significa estabelecer uma análise ampla das relações dos aspectos estruturais e sociais que compõem uma obra literária. A análise sociológica proposta por Candido considera nesse processo a relação entre os fatores sociais e históricos sem desconsiderar os aspectos estruturais e linguísticos. Na verdade, esse tipo de análise permite um olhar mais profundo sobre aquela produção, desvelando o entrelaçamento desses elementos estéticos e históricos na reconstrução da diversidade de significados que permeiam aquela manifestação literária.

A origem da concepção da literatura enquanto manifestação social e cultural do povo brasileiro surgiu no período após Independência, quando foi percebida a necessidade de uma criação cultural nacional. A literatura é representativa de uma sociedade, ao inscrever-se como um sistema simbólico capaz de simbolizar a independência e o ideal de liberdade daquele povo.

A posição do escritor e a receptividade do público serão decisivamente influenciadas pelo fato da literatura brasileira ser então encarada como algo a criar-se voluntariamente para exprimir a sensibilidade nacional, manifestando-se como ato de brasilidade. Os jovens românticos da Niterói são em primeiro lugar patriotas que desejam complementar a Independência no plano estético; e como os moldes românticos previam tanto o sentimento de segregação quanto o de missão — que o compensa — o escritor pôde apresentar-se ao leitor como militante inspirado da idéia nacional.

Vemos, então, que nativismo e civismo foram grandes pretextos, funcionando como justificativa da atividade criadora; como critério de dignidade do escritor; como recurso para atrair o leitor e, finalmente, como valores a transmitir[...] conduziam as suas idéias ao público de homens livres, dispostos a vibrar na grande emoção do tempo. (CANDIDO, 2006, p. 83).

A escrita é definida muitas vezes como um ato individual e solitário, por expressar a perspectiva particular do escritor sobre determinado tema. Mas, à medida que essa obra retrata uma sociedade e suas necessidades coletivas, aquela produção alcança dimensões universais. Por isso, Candido (2006, p. 48) afirma que

A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados. Ela exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo. Quando, por exemplo, encaramos a *Odisséia*, o aspecto central que fere a sensibilidade e a inteligência é esta representação de humanidade que ela contém, este contingente de experiência e beleza, que por meio dela se fixou no patrimônio da civilização, desprendendo-se da função social que terá exercido no mundo helênico. A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a tempos ou espaços específicos um momento determinado e a um determinado lugar.

Nesse trecho, Candido apresenta o conceito de ressonância coletiva, que pressupõe que o ato de leitura necessita de interação entre o leitor, o autor, os personagens e as ideias apresentadas na narrativa. Todos esses agentes se entrelaçam com o momento histórico da produção e da recepção daquela obra. Esse sistema de ideias, por mais que se circunscreva sobre determinado momento

histórico ou sobre um momento específico, permitirá a interação entre esses agentes e uma reinterpretação da realidade.

No capítulo intitulado “Estrutura literária e função histórica”, Candido (2006, p. 174) afirma que:

A função histórica ou social de uma obra depende da sua estrutura literária. E que esta repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita. Devemos levar em conta, pois, um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável. Em face da ordem formal que o autor estabeleceu para sua matéria, as circunstâncias vão propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo.

Por mais que se circunscreva sobre determinado momento histórico, o poder da palavra literária encontra-se na possibilidade de ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço. A escrita literária como um sistema que circula livremente, indo além de uma análise meramente estética, perpassa a página do objeto livro quando toca em existências.

Nesse ponto destacamos a importância de esclarecer que o conceito de representação estará alicerçado no sentido político e social, apontado por Regina Dalcastagnè (2002) no seu artigo “Uma voz ao sol”.

O termo chave, neste conjunto de discussões, é “representação”, que sempre foi um conceito crucial dos estudos literários, mas que agora é lido com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais. De fato, representação é uma palavra que participa de diferentes contextos – literatura, artes visuais, artes cênicas, mas também política e direito – e sofre um processo permanente de contaminação de sentido. O que se coloca não é mais simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala. (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 34).

Se nos fosse dada a oportunidade de recontar a história do povo brasileiro através da literatura, certamente concordaríamos que a narrativa seria composta dos mais diversos personagens, para refletir a pluralidade de existências que deu origem ao que somos. Somos uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades, e a

história que não nos foi contada é aquela produzida pela violência que desconsidera certas trajetórias em detrimento de outras.

É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. Nesse sentido, a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia: a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras. (PELLEGRINI, 2004, p. 1).

Para além dos processos históricos, a literatura, sendo esse espelho, também nos revela representações distorcidas ou não refletidas de determinados grupos sociais. Para Dalcastagnè (2002, p. 33-34),

Tudo isto se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério.

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes.

As relações intrínsecas entre literatura e sociedade são essenciais para que, através delas, possamos compreender a importância das manifestações culturais na expressão de um povo. Principalmente, se a representação literária for capaz de nos fazer ressignificar o lugar ocupado historicamente por determinados grupos no contexto literário e conseqüentemente no âmbito histórico, social e legal.

Para tanto, posteriormente no subcapítulo 4.1 “A loucura na literatura brasileira”, examinaremos as representações da loucura presentes nos contos escolhidos. Na sequência, no subcapítulo 4.2 “O apagamento do diferente aos olhos da literatura brasileira”, apresentaremos as análises das narrativas explicitando as representações das pessoas com deficiência visual.

4.1 A LOUCURA NA LITERATURA BRASILEIRA

A representação da loucura na literatura brasileira é tema bastante amplo, até porque as definições de loucura também abrangeram inúmeras variantes, comportando desde efetivamente desvios mentais até apenas a sugestões de delírios, sonhos, etc. Primeiramente, gostaríamos de esclarecer que ao analisar as representações do outro, optamos por introduzir as questões das diferenças, inicialmente aproximando esse outro da figura do louco, por essa ser uma temática mais recorrente ao longo da produção literária brasileira. Além disso, nossa escolha recaiu sobre esse recorte temático, por acreditarmos que a humanidade historicamente atribuiu posições estigmatizantes àqueles que não reproduziam determinados padrões considerados normais de comportamentos físicos, morais, intelectuais ou atitudinais. A sociedade entendia em determinada época, esses desvios de padrões ou essa quebra de determinada forma de ser/agir/sentir, classificando-as como marcas da loucura. Como consequência disso, a necessidade de alijar o louco da sociedade.

A prática do internamento no começo do século XIX, coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos com relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado mas como desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre. Enfim, em vez de se inscrever no eixo verdade-erro-consciência, se inscreve no eixo paixão-vontade-liberdade. (FOUCAULT, 1979, p. 69).

Nosso olhar investigativo ficará restrito a apenas dois contos como possibilidade de síntese e articulação com as ideias de Foucault, a saber, “O Alienista”, publicado no livro de contos *Papéis avulsos*⁶ (1882), de Machado de Assis (1839-1908), e “Soroco, sua mãe, sua filha”, do livro *Primeiras histórias* (1962) de Guimarães Rosa (1908-1967). A escolha incidiu sobre os seguintes contos por terem sido escritos por autores expressivos no cenário literário, justamente por seus personagens retratarem as experiências vivenciadas pela sociedade brasileira.

Cabe, no entanto, apontar, uma série de personagens que poderiam merecer nossa atenção. De Machado de Assis, poderíamos destacar pelo menos ainda o delírio de Brás Cubas, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); Rubião,

⁶ Optamos por indicar aqui a data da publicação original das obras, seguidas das datas de nascimento e morte dos autores. Nas referências textuais, utilizaremos as datas da publicação citada.

personagem de *Quincas Borba* (1891), que é inclusive internado em uma instituição, julgando-se Napoleão III. Lima Barreto (1881-1922), em seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), também trata do tema por meio das ideias de Policarpo e sua conseqüente internação. E ainda *O louco do Cati* (1942), de Dyonélio Machado (1895-1985), nos é revelada a repressão, a exclusão e a negação vivenciada pelo personagem louco do qual não sabemos nem o nome.

4.1.1 “O alienista”, de Machado de Assis

Para desvelarmos as representações do outro, no aspecto da loucura mergulharemos no contexto social brasileiro através da análise do conto “O alienista”. Escrito em terceira pessoa, narra, no decorrer de treze capítulos, a trajetória da chegada do médico Simão Bacamarte à cidade de Itaguaí. No decorrer da narrativa são atribuídas diversas características positivas, que influenciam o leitor na construção de uma imagem confiável, do protagonista, como podemos observar no trecho inicial:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanha. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

—A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. (ASSIS, 1994, p.1).

O protagonista possui características bastante peculiares, inclusive na maneira como justifica seu casamento com a jovem Evarista. As palavras que utiliza para referir-se à moça são estritamente científicas, quase diagnósticas surpreendendo e causando estranheza também ao leitor:

[...] admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digerira com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. (ASSIS, 1994, p. 1).

O fato de Evarista não lhe dar o filho que tanto planejara faz com que ele aproxime seus estudos das questões psíquicas. Então, durante esse aprofundamento, o estudioso percebe que na região, ainda na época colonial, não havia profissionais dedicados a compreender as questões da mente humana. Assim, propõe ao governo à construção de um ambiente onde pudesse abrigar todos aqueles classificados por ele como pessoas de personalidades desviantes, para que pudesse estudá-las e, quem sabe, curá-las.

Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na Rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo; tinha cinqüenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes. Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A ideia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII [...] (ASSIS, 1994, p. 3).

Além de Simão Bacamarte, podemos considerar a temática da loucura como uma das personagens principais da narrativa, pois assume lugar de protagonismo, uma vez que possui uma importância primordial no desencadeamento dos fatos. Essa afirmação – “veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem” – faz com que reflitamos, mesmo que de forma não tão profunda, sobre a estigmatizante posição ocupada pela loucura naquela sociedade. Então, inverte-se a lógica como se buscasse encontrar um caráter positivo naquilo que as pessoas classificam como insanidade. Desse modo, o pecado é aproximado daqueles considerados racionais. Observamos assim uma primeira desconstrução das concepções sobre a loucura.

As intenções do Alienista são reveladas no princípio do conto, quando o médico expõe sua ambição, disfarçada de caridade. Simão demonstra estar excessivamente obcecado em descobrir a cura para a loucura.

—A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de São Paulo aos Coríntios: "Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada". O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade. (ASSIS, 1994, p.4).

A Casa Verde abriga/aprisiona todos aqueles considerados pelo médico, detentor do conhecimento/saber/razão, como pessoas que não possuem o perfeito funcionamento de suas faculdades mentais. O médico dedica-se ao estudo dessas patologias psíquicas. Assim os loucos que antes viviam presos em suas casas ou abandonados pelas ruas, agora eram encaminhados/abrigados na Casa Verde, local no qual receberiam o tratamento adequado contra seus males.

De acordo com Foucault (1979, p. 59),

Poder-se-ia dizer: isto não é novidade, pois há milênios existem hospitais feitos para curar; pode-se unicamente afirmar que talvez se tenha descoberto, no século XVIII, que os hospitais não curavam tão bem quanto deviam. Nada mais que um refinamento nas exigências formuladas a respeito do instrumento hospitalar. [...]

Antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão.

No entanto, em pouco tempo praticamente a cidade inteira estava aprisionada na instituição:

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso a mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafalaria, um ou outro almotacé enfundado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo, ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. (ASSIS, 1994, p. 27).

Esse trecho permite que reflitamos, pois podemos questionar se as pessoas que estavam sendo trancadas nessa Casa Verde eram realmente loucas ou eram pessoas consideradas indesejadas àquela sociedade.

A medicina é vinculada na narrativa como algo inquestionável na maioria das vezes, e Foucault declara (1979, p. 86) que “[...] Era em nome da medicina que se vinha ver como eram instaladas as casas, mas era também em seu nome que se catalogava um louco, um criminoso, um doente...”

O personagem do médico, representante da razão, da ciência e da medicina, invade o território da loucura durante seus estudos e acaba cedendo a ela. No conto são discutidos, justamente, os limites entre razão e loucura. Quando os casos de loucura são apresentados, questionamo-nos se são dignos de insanidade mental ou

apenas diferentes olhares sobre a existência. A escrita de Machado de Assis conversa com o leitor o tempo todo: Será que isso é loucura? O que é loucura?

Ao buscar uma definição para a razão, encontramos a presente descrição:

Simão Bacamarte refletiu ainda um instante, e disse:

—Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.

O Vigário Lopes a quem ele confiou à nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução. (ASSIS, 1994, p. 9-10).

Em seu inventário sobre a loucura na literatura brasileira, a autora Luzia de Maria, aponta que:

Deslocando a ótica do exame da loucura para o exame do saber médico, Machado, mais que fazer um questionamento da doença mental - matéria posta em foco naquele momento histórico em que a psiquiatria ia-se instituindo enquanto poder na sociedade brasileira – mais que questionar a loucura, **Machado questiona as dimensões do poder do discurso médico, as abrangências desse discurso e, explorando as contradições desse mesmo discurso, procedendo a uma inversão, vislumbra o que se pode constatar como a loucura da ciência.** (MARIA, 2005, p.150, grifo nosso).

Nesse ponto, podemos observar que o governo e a população apoiavam a iniciativa do médico. Afinal, também era de interesse daquela sociedade que essas pessoas indesejadas permanecessem escondidas. No início, a sociedade toda o apoiava, pois a loucura e por consequência essas pessoas tidas como doidas representavam naquele contexto esse indesejado que todos querem manter distante ou negar sua existência.

Além disso, a figura do médico possui grande credibilidade, pois detentora de todo o conhecimento e saber, sendo responsável por classificar as pessoas em normais ou anormais. Simão era digno de tanta admiração, que lhe são atribuídos e/ou aquele que lhe é próximo, no caso sua esposa, expressões santificantes.

Muitos dementes já estavam recolhidos; e os parentes tiveram ocasião de ver o **carinho paternal** e a **caridade cristã** com que eles iam ser tratados. D. Evarista, contentíssima com a **glória do marido**, vestiu-se luxuosamente, cobriu-se de jóias, flores e sedas. Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de ir visitá-la duas e três

vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século, e não só a cortejavam como a **louvavam**; porquanto,—e este fato é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, —porquanto viam nela a feliz esposa de um **alto espírito**, de um **varão ilustre**, e, se lhe tinham inveja, era a **santa e nobre inveja dos admiradores**. (ASSIS, 1994, p. 3, grifo nosso).

Essa atitude de relacionar a iniciativa do médico como dignas de idolatria faz com que a figura desse homem seja ainda mais valorizada e exaltada. Contrariamente, aqueles internos acabam sendo ainda mais diminuídos, pois o hospital seria um lugar de exclusão, assistência e de transformação espiritual, no qual eram abrigados doentes, loucos, devassos e prostitutas (FOUCAULT, 1979) Além disso, há pouca consideração por parte de quem trabalha nesses hospitais, pois essas pessoas estavam lá muito mais em busca de sua própria salvação e não da do doente.

Apesar disso, em determinado momento do conto, o Padre da cidade, representante da religião, que era outra instituição inquestionável na época, cogita brevemente uma possível insanidade nos atos incomuns do doutor Simão Bacamarte. O religioso chega ao ponto de comentar com a esposa de Simão que “estudar de mais vira o juízo”. Acreditamos que essa afirmação apresenta pistas ao leitor do possível desfecho da narrativa. Também a população começa a questionar as atitudes de Simão Bacamarte:

O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota; que muitas pessoas estimáveis e algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos ou supostos tais não eram tratados de graça: as famílias e em falta delas a Câmara pagavam ao alienista... (ASSIS, 1994, p. 17).

Esse trecho relaciona-se ao pensamento de Foucault (1978, p. 41),

Se a loucura vem sancionar o esforço da razão, é porque ela já fazia parte desse esforço: a vivacidade das imagens, a violência da paixão, este grande recolhimento do espírito para dentro de si mesmo, que são todos traços da loucura e os instrumentos mais perigosos, porque os mais aguçados, da razão. Não há razão forte que não tenha de arriscar-se à loucura a fim de chegar ao término de sua obra, não existe um grande espírito sem uma ponta de loucura... É neste sentido que os sábios e os mais bravos poetas aprovaram a experiência da loucura e o sair, às vezes, dos trilhos normais.

A loucura é um momento difícil, porém essencial, na obra da razão; através dela, e mesmo em suas aparentes vitórias, a razão se manifesta e triunfa. A loucura é, para a razão, sua força viva e secreta.

No decorrer da narrativa há uma comparação simbólica em relação à Casa Verde, onde os ditos doidos são aprisionados. Se analisarmos cuidadosamente as classificações/separações feitas no interior daquele ambiente, é possível perceber que se assemelhavam com as segregações praticadas pela sociedade, sendo comparadas pelo próprio médico com o mundo.

—**A Casa Verde**, disse ele ao vigário, **é agora uma espécie de mundo**, em que há o governo temporal e o governo espiritual. E o Padre Lopes ria deste pio trocado,—e acrescentava,—com o único fim de dizer também uma chalaça: —Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa.

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. **Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos**; daí **passou às subclasses**, monomanias, delírios, alucinações diversas.

Isto feito, começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa [...] (ASSIS, 1994, p. 5, grifo nosso).

As práticas existentes evidenciam relações binárias que a sociedade acolhe como verdadeira: bom/ruim; certo/errado; normal/anormal. Esses padrões de pensamentos nos fazem fechar os olhos, não sendo capazes de enxergar o universo de possibilidades que há dentro de cada um de nós. A presença da insanidade naqueles indivíduos foi uma “verdade acolhida por aquela sociedade”, relacionando-se com o pensamento de Foucault de que todas as sociedades possuem discursos que acolhem como verdadeiros.

Em pouco tempo, toda a cidade de Itaguaí – inclusive a esposa do próprio médico – estava trancada nas dependências da Casa Verde, a fim de, segundo Simão, ampliar o território da loucura. Então, podemos nos questionar novamente: quais são os limites entre razão e loucura? Quem são os responsáveis por estabelecer essas demarcações, até onde se estende a fronteira da loucura/lucidez?

A política se une a medicina; já que o governo não pode discriminar, classificar ou eliminar os casos de loucura, então se tornou o papel da ciência médica. Desse modo, todos que desagradarem, desafiarem ou incomodarem essas instituições detentoras do poder/saber serão classificados como desajuizados.

Por outro lado, as pessoas de Itaguaí passam a se manifestar:

— Morra! morra! bradaram de todos os lados, apenas o vulto do alienista assomou na varanda. Simão Bacamarte fez um sinal pedindo para falar; os

revoltosos cobriram-lhe a voz com brados de indignação. Então o barbeiro, agitando o chapéu, a fim de impor silêncio à turba, conseguiu aquietar os amigos, e declarou ao alienista que podia falar, mas acrescentou que não abusasse da paciência do povo como fizera até então.

— Direi pouco, ou até não direi nada, se for preciso. Desejo saber primeiro o que pedis.

— Não pedimos nada, replicou fremente o barbeiro; ordenamos que a Casa Verde seja demolida, ou pelo menos despojada dos infelizes que lá estão.

— Não entendo.

— Entendeis bem, tirano; queremos dar liberdade às vítimas do vosso ódio, capricho, ganância...

O alienista sorriu, mas o sorriso desse grande homem não era coisa visível aos olhos da multidão; era uma contração leve de dois ou três músculos, nada mais. Sorriu e respondeu:

— Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes. (ASSIS, 1994, p. 20).

A exigência da população revoltada pedia a liberação dos loucos, mas envolvia também interesses políticos. A agitação da população era feita pelo barbeiro que tinha intenções de chegar ao poder, ou seja, o bem-estar dos aprisionados é utilizado como pretexto por razões políticas, que envolviam o poder.

Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heróicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno. E a multidão agitou-se, murmurou, bradou, ameaçou, congregou-se toda em derredor do barbeiro. (ASSIS, 1994, p. 20-21).

Diante dessa rebelião, Simão resolve enviar um decreto ao governo liberando todos que estavam presos na Casa Verde. O argumento utilizado pelo médico assombra a população itaguaiense, uma vez que declara:

[...] que, desse exame e do fato estatístico, resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; [...] que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; [...] (ASSIS, 1994, p. 28).

Esse trecho revela as contradições, ironias e demais desvios da nossa espécie, que é tomada de erros, equívocos e descontinuidades. Assim, tudo voltou ao ritmo habitual dos acontecimentos, com os reclusos da Casa Verde retomando

suas vidas, exercendo novamente sua liberdade de existir/ser. Enquanto isso, aqueles considerados normais por possuírem o equilíbrio perfeito de suas faculdades mentais devem ser encaminhados para a Casa Verde, conhecida como bastilha da razão humana. Esse decreto atingirá a todos, com exceção dos governantes. O único político que demonstra ser contrário à medida o vereador Galvão, ao afirmar que a lei deve ser cumprida por todos. Esse fato demonstra que está em seu juízo perfeito, então tem seu desfecho decretado, ao ser preso junto aos demais lúcidos de Itaguaí. Essas atitudes faziam parte de uma nova experiência do alienista. Como podemos observar no trecho que diz:

E cavando por aí abaixo, eis o resultado a que chegou: os cérebros bem organizados que ele acabava de curar, eram desequilibrados como os outros. Sim, dizia ele consigo, eu não posso ter a pretensão de haver-lhes inculcado um sentimento ou uma faculdade nova; uma e outra coisa existiam no estado latente, mas existiam.

Chegado a esta conclusão, o ilustre alienista teve duas sensações contrárias, uma de gozo, outra de abatimento. A de gozo foi por ver que, ao cabo de longas e pacientes investigações, constantes trabalhos, luta ingente com o povo, podia afirmar esta verdade:— não havia loucos em Itaguaí. Itaguaí não possuía um só mentecapto. Mas tão depressa esta idéia lhe refrescara a alma, outra apareceu que neutralizou o primeiro efeito; foi a idéia da dúvida. Pois quê! Itaguaí. não possuiria um único cérebro concertado? Esta conclusão tão absoluta, não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica?

A aflição do egrégio Simão Bacamarte é definida pelos cronistas Itaguaieenses como uma das mais medonhas tempestades morais que têm desabado sobre o homem. Mas as tempestades só aterram os fracos; os fortes enrijam-se contra elas e fitam o trovão. Vinte minutos depois alumiuouse a fisionomia do alienista de uma suave claridade.

—Sim, há de ser isso, pensou ele.

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. (ASSIS, 1994, p. 34).

De acordo com Maria (2005, p. 205-206),

Quando se pensa a questão da loucura na obra de Machado de Assis, uma consideração inevitavelmente se impõe: a extraordinária lucidez com que ele, ao investigar estados limites do ser humano, foi capaz de descer além das camadas superficiais da personalidade. Antes que Freud radicalmente afirmasse os laços que prendem o racional e o emocional; antes que a noção do inconsciente se metaforizasse em espelho [...].

O desfecho da narrativa é surpreendente, pois deveriam ser presos na Casa Verde todos aqueles que fossem considerados normais, possuindo pleno domínio de suas faculdades mentais. Simão Bacamarte chega à conclusão de que não havia loucos em Itaguaí, descobrindo uma nova teoria da loucura, que “reunia teoria e prática” e sendo ele próprio a personificação da loucura.

—A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.

—Simão! Simão! meu amor! dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas.

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada à porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguaí [...] (ASSIS, 1994, p. 35).

O doutor Simão personagem de Machado de Assis, assemelha-se às características do médico apresentada por Foucault. (1979, p. 69),

O grande médico do asilo – seja ele Leuret, Charcot ou Kraepelin – é ao mesmo tempo aquele que pode dizer a verdade da doença pelo saber que dela tem, e aquele que pode produzir a doença em sua verdade e submetê-la, na realidade, pelo poder que sua vontade exerce sobre o próprio doente. Todas as técnicas ou procedimentos efetuados no asilo do século XIX – isolamento, interrogatório particular ou público, tratamentos-punições como a ducha, pregações morais, encorajamentos ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, recompensa, relações preferenciais entre o médico e alguns de seus doentes, relações de vassalagem, de posse, de domesticidade e às vezes de servidão entre doente e médico – tudo isto tinha por função fazer do personagem do médico o "mestre da loucura"; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, a acalma e a absorve depois de a ter sabiamente desencadeado.

4.1.2 “Soroco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa

Em “Soroco, sua mãe, sua filha”, conto que integra a obra *Primeiras estórias*, escrita por João Guimarães Rosa, teve sua primeira edição no ano de 1962. O conto narra brevemente a viagem de trem de duas mulheres, uma senhora e uma menina, a um destino desconhecido por elas. Logo no início da narrativa, o leitor descobre que as personagens serão levadas a Barbacena, um lugar distante, onde são abrigadas as pessoas desajuizadas.

No trecho podemos analisar a presença das pessoas que representam aquela sociedade e assistem à chegada das personagens. Pois tudo que foge a regra ou quebra os padrões de normalidade gera uma curiosidade excessiva. Além disso, por mais que estejam interessados em assistir à prisão das mulheres, eles mantêm distanciamento buscando se proteger como se quisessem se resguardar daquilo que elas representam. A descrição do carro alusivo a um canoão no seco nos remete a algo fora do lugar de origem, mas ao mesmo tempo nos parece instável e revoltado assim como o mar.

A hora era de muito sol — o povo caçava jeito de ficarem debaixo da sombra das árvores de cedro. O carro lembrava um canoão no seco, navio. A gente olhava: nas reluzências do ar, parecia que ele estava torto, que nas pontas se empinava. O borco bojudo do telhadinho dele alumiava em preto. **Parecia coisa de invento de muita distância, sem piedade nenhuma, e que a gente não pudesse imaginar direito nem se acostumar de ver, e não sendo de ninguém.** Para onde ia, no levar as mulheres, era para um lugar chamado Barbacena, longe.

Para o pobre, os lugares são mais longe. (ROSA, 1962, p. 36, grifo nosso).

Essa comparação do trem com o navio possui um caráter simbólico, que se relaciona ao pensamento de Foucault (1978, p. 16) quando afirma que:

confiar o louco aos marinheiros é com certeza evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter a certeza de que ele irá para longe, é torná-lo prisioneiro de sua própria partida. Mas a isso a água acrescenta a massa obscura de seus próprios valores: ela leva embora, mas faz mais que isso, ela purifica. Além do mais, a navegação entrega o homem à incerteza da sorte: nela, cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca. Esta navegação do louco é simultaneamente a divisão rigorosa e a Passagem absoluta. [...] Ele é colocado no interior do exterior, e inversamente. Postura altamente simbólica e que permanecerá sem dúvida a sua até nossos dias, se admitirmos que aquilo que outrora foi fortaleza visível da ordem tornou-se agora castelo de nossa consciência.

A água e a navegação têm realmente esse papel. Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada [...].

A estação e um vagão de trem, que em determinado momento da narrativa chega a ser comparado com uma prisão, servem de representantes do espaço e do tempo, atribuindo um ritmo instável à história.

[...]Não era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. A gente reparando, notava as diferenças.
 [...]As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo, conversavam, cada um porfiando no falar com sensatez, como sabendo mais do que os outros a prática do acontecer das coisas. (ROSA, 1962, p. 36).

No trecho acima, podemos observar aquele vagão como abrigo transitório das diferenças, o sentimento presente era de piedade e tristeza dando uma ideia da exclusão a qual as duas seriam submetidas. A prática do afastamento daqueles considerados loucos é segregadora. De acordo com Foucault (1979, p. 52),

Na Idade Média, o leproso era alguém que, logo que descoberto, era expulso do espaço comum, posto fora dos muros da cidade, exilado em um lugar confuso onde ia misturar sua lepra a lepra dos outros. O mecanismo da exclusão era o mecanismo do exílio, da purificação do espaço urbano. Medicalizar alguém era mandá-lo para fora e, por conseguinte, purificar os outros. A medicina era uma medicina de exclusão. O próprio internamento dos loucos, malfeitores, etc., em meados do século XVII, obedece ainda a esse esquema.

Essa exclusão é repetida nas duas narrativas analisadas – “O alienista” e “Soroco...” –, sendo na verdade praticada como um mecanismo de proteção para o restante da população. Era uma espécie de apagamento dessas existências, com o objetivo principal de proteger o restante da sociedade daqueles seres indesejados.

De acordo com Foucault (1978, p. 15, grifo do autor),

Esses loucos são alojados e mantidos pelo orçamento da cidade, mas não tratados: são pura e simplesmente jogados na prisão [...]. É possível supor que em certas cidades importantes — lugares de passagem e de feiras — os loucos eram levados pelos mercadores e marinheiros em número bem considerável, e que eles eram ali "perdidos", purificando-se assim de sua presença a cidade de onde eram originários. Pode ser que esses lugares de "contraperegrinação" tenham acabado por se confundir com aqueles pontos para onde, pelo contrário, os insanos eram levados a título de peregrinos. A preocupação de cura e de exclusão juntavam-se numa só: encerravam-nos no espaço sagrado do milagre.

As mulheres são descritas como “que diferentes, elas se assemelhavam” (ROSA, 1962, p.37) chegam à estação acompanhadas por Soroco, respectivamente filho e pai delas e também o responsável por prendê-las. Não temos muitas informações sobre o personagem, apenas sabemos que é um homem viúvo e solitário enquanto elas recebem adjetivos como “coitadinhas” e “transtornadas”. Os

demais personagens que representam a sociedade são favoráveis à partida das duas, afinal ambas expressavam a figura do indesejado.

A sociedade julgava que: “O que os outros se diziam: que Soroco tinha tido muita paciência, sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio. Isso não tinha cura, elas não iam voltar, nunca mais.” (ROSA, 1962, p.37). Essa passagem conversa com o pensamento de Foucault (1979, p. 22) ao reafirmar que “através das quais a humanidade se protege, opiniões preconcebidas com relação a tudo aquilo que há de perigoso na pesquisa e de inquietante na descoberta.”

Essa sensação de abrandamento sugere certa insegurança de aproximar o olhar para tudo o que elas representavam, havia neles um medo de encontrar, dentro de si próprios, algo de anormal.

O desfecho do conto é melancólico e poético, pois, quando a menina está prestes a ser confinada, ela canta uma canção, que é repetida pela senhora. Assim que o trem parte levando-as para um lugar distante, essa mesma cantiga é entoada pelo próprio Soroco e seguida pelos demais personagens que seguem aquela melodia símbolo da loucura, fazendo-nos refletir sobre a lucidez e loucura que reside em cada um de nós.

Soroco não esperou tudo se sumir.

Nem olhou. Só ficou de chapéu na mão, mais de barba quadrada, surdo — o que nele mais espantava. O triste do homem, lá, decretado, embargando-se de poder falar algumas suas palavras. Ao sofrer o assim das coisas, ele, no oco sem beiras, debaixo do peso, sem queixa, exemplos. E lhe falaram: — "O mundo está dessa forma..."

Todos, no arregalado respeito, tinham as vistas neblinadas. De repente, todos gostavam demais de Soroco.

Ele se sacudiu, de um jeito arrebatado, desacontecido, e virou, pra ir-s'embora. Estava voltando para casa, como se estivesse indo para longe, fora de conta.

Mas, parou. Em tanto que se esquisitou, parecia que ia perder o de si, parar de ser. Assim num excesso de espírito, fora de sentido. E foi o que não se podia prevenir: quem ia fazer siso naquilo? Num rompido — ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para si — e era a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado. Cantava continuando.

A gente se esfriou, se afundou — um instantâneo.

A gente... E foi sem combinação em ninguém entendia o que se fizesse: todos, de uma vez, de dó do Soroco, principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão.

E com as vozes tão altas! Todos caminhando, com ele, Soroco, e canta que cantando, atrás dele, os mais de detrás quase que corriam, ninguém deixasse de cantar. Foi o de não sair mais da memória.

Foi um caso sem comparação. A gente estava levando agora o Soroco para a casa dele, de verdade. A gente, com ele, ia até aonde que ia aquela cantiga. (ROSA, 1962, p. 38-39).

Se analisarmos o nome do personagem Soroco, assemelha-se aos termos “sou louco”, “sou rouco” e “socorro”, dando indícios ao leitor sobre o desfecho da narrativa, na qual essa trilha da loucura, que também era entoada por ele, transmite ao mundo um velado pedido de socorro. No momento em que todos se rendem à canção, cantarolando aquela melodia símbolo da loucura é como se somente ali se libertassem de si mesmos e Soroco ganhasse voz. Pode-se relacionar com Foucault (1979, p. 65), quando diz que

A crise, tal como era concebida e exercida, é precisamente o momento em que a natureza profunda da doença sobe à superfície e se deixa ver. É o momento em que o processo doentio, por sua própria energia, se desfaz de seus entraves, se liberta de tudo aquilo que o impedia de completar-se e, de alguma forma, se decide a ser isto e não aquilo, decide o seu futuro – favorável ou desfavorável.

A linguagem poética de Guimarães Rosa no decorrer de toda narrativa nos faz enxergar beleza na vulnerabilidade de existir e de aceitar nossos descompassos.

4.2 O APAGAMENTO DO DIFERENTE AOS OLHOS DA LITERATURA BRASILEIRA

Ao percorrer o inventário da literatura brasileira, certamente nos depararíamos com uma infinidade de representações do diferente tanto em prosa quanto em verso. Mas, um olhar mais restrito às personagens com deficiência visual, parece-nos que as possibilidades se reduzem consideravelmente. Em uma simples e despretensiosa tentativa de rememoração dessas histórias, ora lembramo-nos da cegueira, enquanto metáfora em *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, ora, a quase inexistência do personagem cego. Por exemplo, o cego é um mero figurante visto através da janela pela protagonista no conto “Amor” de Clarice Lispector, ainda que desencadeie na protagonista uma reação importante. Há personagens cegos também em outras obras, mas são personagens secundárias, e o foco dessas narrativas não incide sobre a trajetória da deficiência visual. O estudo “Quarenta anos retratando a deficiência: enquadres e enfoques da literatura infanto-juvenil brasileira” de Barros (2015) recorda-nos ainda da deficiência visual representada na literatura infantil e suas versões de fábulas ou contos de fadas, uma espécie de

versões inclusivas, repletas de fantasias, mas também cheias de mensagens pedagógicas e/ou moralizantes.

Outro enfoque são os livros autobiográficos, que relatam histórias de superação. Nesse sentido, lembramos a trajetória de uma personagem feminina vanguardista nas lutas pelo respeito aos direitos das pessoas com deficiência visual, condição que também lhe pertencia: falamos de Dorina Nowill. Em sua autobiografia *E eu venci assim mesmo* (1996), ela relembra momentos de sua infância, a relação íntima com os livros antes da perda da sua visão, a formação como educadora, a idealização de um projeto de leitura para cegos e o reconhecimento universal de sua causa. A obra foi escrita por colaboradores da editora, através das narrações gravadas por Nowill. As passagens iniciais trazem depoimentos de amigos e admiradores, entre os quais nos surpreendemos com um em especial, datado do ano de 1956, enviado por Érico Veríssimo⁷, que se declara admirador de sua luta e, com palavras afetuosas, compara a vida de Dorina a um romance sobre o qual gostaria de ter escrito. Entendemos a palavra e seu poder de transformação social, por isso Dorina foi uma “personagem” notável, permitindo que a palavra literária iluminasse as mais diversas trajetórias. Como bem descrita em uma carta de 17 de julho de 1953 por sua amiga Helen Keller,

Com tudo o que de belo e bom oferece o mundo, não se quedou a ouvir o que os amigos lessem ou dissessem para aquecer e preencher o seu novo âmbito. Ao contrário, alegando a leitura como chave de todas as portas, ensinou a ler, ou seja, a ver, as centenas de outras pessoas, então suas iguais na necessidade. Obra monumental a Fundação para o Livro do Cego. Quanta desesperança ela poupou ao mundo. Quanto vazio interior ela fez encolher. (KELLER, apud NOWILL, 1996, p. 12).

No percurso deste estudo reconhecemos que a dimensão literária encontra-se entrelaçada com as dimensões humanas e sociais, misturando-se na pluralidade de suas existências. Nesse sentido, iremos à busca de trajetórias singulares como as de Dorina, percorrendo as páginas em busca das vozes dessas personagens. E tudo

⁷ Dorina Gouveia,

Sua vida é um romance que eu gostaria de ter escrito. Criaturas como você - com seu espírito e sua coragem - constituem um enorme crédito para a raça humana. Não creio que jamais nos tenhamos encontrado ou cruzado...Mas você tem em mim um admirador que espera ter o prazer e o privilégio de um dia apertar-lhe a mão. Considere-me seu amigo e creia na simpatia e respeito que voto a você e à sua grande obra.

respeito que voto a você e à sua grande obra.

Porto Alegre, 17 de novembro de 1956.

Erico Verissimo

o que se ouve ainda é o silêncio, o estereótipo, a incipiência de representações verossímeis dessas pessoas e de suas condições.

Enfim, neste caminho final de investigação, por nos interessar ainda o encontro com as trajetórias de personagens que tenham a deficiência visual como uma de suas características, analisaremos os contos “As cores”⁸ (1960) e “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria” (1928), respectivamente de Orígenes Lessa (1903-1986) e Antônio de Alcântara Machado (1901-1935); e o romance *E não se esqueçam de regar os girassóis* (2016), de Sara Bentes (1985).

4.2.1 “As cores”, Orígenes Lessa

“As cores”, conto de Orígenes Lessa (1903-1986), foi publicado originalmente na coletânea *Balbino, homem do mar*, em 1960, e integra a antologia organizada por Ítalo Moriconi (2000) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Os tons da existência de Maria Alice, protagonista que tem a cegueira como característica marcante em sua trajetória, são expressos na obra. A história é narrada em terceira pessoa por um narrador onisciente, que descreve a personagem e conhece seus sentimentos. A presença desse elemento narrativo, utilizado para “dar voz” à protagonista, alcança dimensões sociais importantes para pensar o papel social ocupado por ela naquele contexto.

Nessas narrativas, como bem destaca Dalcastagnè (2002), existe a “voz literária” e a chamada “voz social”, fazendo com que o narrador represente simbolicamente essas vozes que insistem em sobrepor seus discursos àquelas que não podem falar, pois permanecem sendo silenciadas.

A falta de voz vivenciada pela protagonista pode ser observada no trecho:

Em seu pequeno mundo de volumes, de cheiros, de sons, todas aquelas palavras eram a perpétua renovação dos mistérios em cujo seio sua imaginação se perdia. Esboçou um sorriso... Sabia estar só na casa que conhecia tão bem, em seus mínimos detalhes, casa grande de vários quartos e salas onde se movia livremente, as mãos olhando por ela, o passo calmo, firme e silencioso, casa cheia de ecos de um mundo não seu, mundo em que a imagem e a cor pareciam à nota mais viva das outras vidas de ilimitados horizontes. (LESSA, 2000, p. 242).

⁸ Como no subcapítulo anterior, optamos por indicar aqui a data da publicação original das obras, seguidas das datas de nascimento e morte dos autores. Nas referências textuais, utilizaremos as datas da publicação citada.

O uso das expressões “seu pequeno mundo”, “mundo não seu”, “outras vidas” e “mundo de horizontes ilimitados” revela uma consciência da protagonista com relação às exclusões e segregações presentes em um mundo visivelmente desigual. A jovem Maria Alice busca na imaginação encontrar uma realidade distante sem limitações, a qual não tem acesso, reforçando assim uma crença histórica/social de que as pessoas com deficiência habitam universos distantes, cheios de privações.

Lembramos novamente Dalcastagnè (2002, p.43-44, grifo nosso) ao afirmar que

[...] o “outro”⁹ aparece com as feições que a tradição lhes deu – deformadas pelo nosso medo, pelo nosso preconceito, nosso sentimento de superioridade. Obras que, mesmo tentando ser críticas, acabam por reforçar essa imagem, **fazendo de gente que vive à nossa volta seres tão distantes e estranhos** quanto os mongóis no tempo de Marco Polo.

As palavras de Lessa ironicamente vão colorindo os cenários tão visuais aos quais a jovem é exposta. Em determinado momento questiona:

E que seria ver? Era o sentido certamente que permitia evitar as pancadas, os tropeções, sair à rua sozinho, sem apoio de bengala, e aquela inquieta procura de mãos divinatórias que tantas vezes falhavam. Era o sentido que permitia encontrar o bonito, sem tocar, nos vestidos, nos corpos, nas feições, o bonito, variedade do belo e de outras palavras sempre ouvidas e empregadas e que bem compreendia, porque o podia sentir na voz e no caráter das pessoas, nas atitudes e nos gestos humanos, no Rêve d’Amour, que executava ao piano, e em muita coisa mais... (LESSA, 2000, p. 225).

Esse questionamento íntimo sobre o que significa de fato enxergar justifica-se pela busca interior da personagem, na tentativa de compreender um mundo tão visível ao qual está exposta. Na constante procura de sentido também é possível observar sua forma de perceber o mundo através da arte; a música especificamente aproxima-nos de sua maneira diversa de ver e sentir o mundo.

A narrativa conquista tons obscuros e dramáticos, quando são expostas ao leitor as percepções que Maria Alice constrói sobre si mesma como sentimentos de inferioridade, solidão, conformismo e vulnerabilidade. Ela acaba tomando para si construções de um mundo de cores que ela desconhece, ocupando assim posições deterministas:

⁹ Entre aspas, o grifo do autor; em negrito, grifo nosso.

Pela simples linguagem, pela maneira de agir o sabia. **E ali começara a odiar os dois mundos diferentes.** O seu, de humildes e resignados, cômnicos de sua inferioridade humana, o outro, o da piedade e da cor. — Me dá o cinzeiro vermelho, Maria Alice... Maria Alice dava. (Lessa, 2000, p. 227, grifo nosso).

Em diversos trechos, a protagonista manifesta intimamente sua insatisfação com atitudes que a infantilizam, a menosprezam ou a protegem, além de sentir-se desconfortável diante de exacerbada exaltação a suas qualidades, que acabam por reforçar sua condição diversa. É o que se pode observar no trecho abaixo:

Seria mais feliz se pudesse estar sempre sozinha como agora, movendo-se como sombra muda pela casa, certa de não provocar exclamações repentinas de pena, quando se contundia ou tropeçava nas idas e vindas do cotidiano labor.

— **Machucou, meu bem?**

Doía mais a pergunta. (LESSA, 2000, p. 225, grifo nosso).

A humanidade da protagonista é desconsiderada ao longo da narrativa, em outras palavras por não ser vista como uma pessoa com qualidades, defeitos e dificuldades como qualquer outra. Em outro trecho quando assistem à jovem tocando o piano, admiram-se dizendo “Muita gente que enxerga se orgulharia de tocar assim” (LESSA, 2000, p. 226). “Esse elogio” disfarçado encobre diversas visões limitantes: a primeira está ligada ao fato de sua condição visual estar sempre à frente de qualquer outra de suas características; em segundo lugar, revela um preconceito ao insinuar que a menina deveria sentir-se privilegiada, por tocar tão bem, mesmo possuindo uma deficiência; e por fim traduz as desigualdades sociais ao referir-se “aos que enxergam” como pertencentes a um grupo diferente daquele destinado a Maria Alice.

No conto observa-se a presença do mecanismo compensatório atribuído às pessoas com deficiência visual como uma capacidade divina de ver além ou de possuir os outros sentidos mais evoluídos. Em passagens seguintes também está presente outra posição/representação estereotípica que liga as pessoas com deficiência como detentoras de dons especiais ou a uma capacidade fora do normal.

E como tinha os outros sentidos mais apurados, sempre se antecipava na descrição das pessoas e coisas. Sabia se era homem ou mulher o recém-chegado, antes que se pusesse a falar. Pela maneira de pisar, por mil e uma sutilezas. Sem que lhe dissessem, já sabia se era gordo ou magro, bonito ou feio. E antes que qualquer outro, lia-lhe o caráter e o temperamento. Àqueles pequeninos milagres de sua intuição e de sua capacidade de observar, todos estavam habituados em casa. Por isso lhe

falavam sempre em termos de quem via para quem via. E nesses termos lhes falava também. (LESSA, 2000, p.226).

Esse mecanismo compensatório compreende a teoria de que uma pessoa ao perder um de seus sentidos fundamentais (a saber, a visão) ativaria mecanismos cerebrais que aumentariam a capacidade perceptível dos sentidos restantes. Porém esse é um pensamento do senso comum que não possui comprovação científica. Segundo os estudiosos Kirk e Gallagher (1991 apud NOBRE, p.192).

[...] uma pessoa com visão pode tender a não prestar atenção aos sons do ambiente, que, por necessidade, tornam-se significativos para uma pessoa cega. Isto não significa que as verdadeiras capacidades de audição dos dois indivíduos sejam diferentes.

Ao analisar as atitudes dos seus familiares, o que nos parece é que se utilizam dessa crença de que Maria Alice possui habilidades especiais por conta de sua condição visual como uma armadura protetora contra suas incapacidades de acolher sua condição visual ou sua diferença. Assim, ao negarem a condição da jovem, também negam a sua responsabilidade/incapacidade de adaptarem-se a ela.

Nessa análise, não podemos desconsiderar a presença de dois marcadores sociais importantes que influenciam fortemente nas posições que são destinadas à protagonista na narrativa e obviamente na sociedade. Maria Alice não é apenas uma pessoa com deficiência visual, mas também é uma mulher, e esses traços históricos/sociais/biológicos têm implicações significativas no enredo. Em determinado momento, a protagonista apaixona-se e tem seu desejo de casar cerceado por seu pai. A justificativa apresentada pelo pai da jovem para impedi-la não somente da intenção de casar-se, mas também de relacionar-se amorosamente com o rapaz, revela-nos de maneira ainda mais visível o preconceito e a discriminação vivenciada por grupos marginalizados.

Assim Maria Alice recordava:

Lembrava-se da ternura daquela voz, da beleza daquela voz. De como se adivinhavam entre dezenas de outros e suas mãos se encontravam. De como as palavras de amor tinham irrompido e suas bocas se encontrado... De como um dia seus pais haviam surgido inesperadamente no Instituto e a haviam levado à sala do diretor e se haviam queixado da falta de vigilância e moralidade no estabelecimento. E de como, no momento em que a retiravam e quando ela disse que pretendia se despedir de um amigo pelo qual tinha grande afeição e com quem se queria casar, o pai exclamara horrorizado:

— Você não tem juízo, criatura? Casar-se com um mulato? Nunca! **Mulato era cor.** (LESSA, 2000, p. 228, grifo nosso).

O conto assume uma linguagem crítica que nos convida a repensar nossas crenças, ao promover o encontro de duas trajetórias historicamente invisibilizadas que têm simbolicamente na cor seu elo, mas também traços de suas diferenças.

O espaço narrativo é reduzido apenas a sua casa, seu quarto e a instituição, refletindo o universo limitado de possibilidades a ela destinado. A sensação que temos é a de que Maria Alice conhece do mundo apenas pelo que lhe contaram seus livros ou as histórias de sua família.

Claro que via muito pelos olhos dos outros. Sabia onde ficavam as coisas e seria capaz de descrevê-las nos menores detalhes. Conhecia-lhes até a cor... Se lhe pedissem o cinzeiro vermelho, iria buscá-lo sem receio. E sabia dizer, quando tocava em Ana Beatriz, se estava com o vestido bege ou com a blusa lilás. E de tal maneira a cor fluuava em seus lábios, nas palestras diárias, que para todos os familiares era como se a visse também. — Ponha hoje o vestido verde, Ana Beatriz...

Dizia aquilo um pouco para que não dessem conta da sua inferioridade, mais ainda para não inspirar compaixão. Porque a piedade alheia a cada passo a torturava e Maria Alice tinha pudor de seu estado. (LESSA, 2000, p. 226).

O trecho acima nos revela que Maria Alice buscava ali mais uma vez aproximar-se de um mundo ao qual não pertencia. Na tentativa de encaixar-se nesse mundo de cores, era preciso esconder do mundo e de si mesma sua singularidade.

Compreender as cores representa para ela um refúgio, sua tentativa incessante de encaixar-se aos padrões, era como se estivesse negando a sua verdadeira identidade.

As cores apagadas usadas para colorir a protagonista refletem metaforicamente a escuridão do mundo que não consegue enxergar suas diferentes tonalidades.

4.2.2 “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, Alcântara Machado

“Apólogo brasileiro sem véu de alegoria” integra o terceiro livro de contos – *Laranja da China* – de Alcântara Machado (1901-1935), publicado originalmente em 1928. Com ele, embarcamos novamente em um trem, como já fizemos anteriormente neste estudo. Cabe, no entanto, ressaltar ainda o simbolismo do trem como meio responsável por afastar certos personagens do mundo. Além disso, o tratamento destinado aos passageiros assemelha-se com o atribuído às cargas,

tendo no emprego do substantivo no grau diminutivo um reflexo desse tratamento inferior e desumano.

O trenzinho recebeu em Magoari o pessoal do matadouro e tocou para Belém. Já era noite. Só se sentia o cheiro doce do sangue. As manchas na roupa dos passageiros ninguém via porque não havia luz. De vez em quando passava uma fagulha que a chaminé da locomotiva botava. E os vagões no escuro. Trem misterioso. Noite fora, noite dentro. (MACHADO, 1928, p. 1).

Esses passageiros que estão sendo levados para longe demonstram uma acomodação diante da situação desrespeitosa a qual são submetidos durante a viagem. Essa situação parecia recorrente e inabalável,

Porém, aconteceu que no dia 6 de maio viajava no penúltimo banco do lado direito do segundo vagão um cego de óculos azuis. Cego baiano das margens do Verde de Baixo. Flautista de profissão dera um concerto em Bragança.[...] De repente deu uma coisa nele. Perguntou para o rapaz: — O jornal não dá nada sobre a sucessão presidencial? O rapaz respondeu: — Não sei: nós estamos no escuro. — No escuro? — É. Ficou matutando calado. Claríssimo que não compreendia bem. Perguntou de novo: — *Não tem luz?* (MACHADO, 1928, p. 1, grifo nosso).

O trecho acima apresenta brevemente ao leitor a figura peculiar de Baiano Veio, um artista cego que embarca nessa viagem misteriosa. Além disso, o emprego da expressão “claríssimo” revela uma linguagem irônica, dando pistas ao leitor com relação à personalidade marcante do protagonista. O fato do protagonista que não enxerga ser o agente responsável pelas reivindicações pelo direito à luz garante um tom de ironia e crítica ao enredo.

De tanta indignação bateu com o porrete no soalho. E principiou a grita dele *assim*: — **Não pode ser! Estrada relaxada!** Que é que faz que não acende? Não se pode viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz! E a luz não foi feita. Continuou berrando: (MACHADO, 1928, p. 2, grifo nosso).

Essa luz representa simbolicamente a consciência do acesso a direitos fundamentais como a liberdade de expressão. Nessa perspectiva, explicitamos a importância da representação de um personagem com deficiência como agente de transformação social, manifestando-se contra as injustiças vivenciadas por todos naquele trem.

Foi preciso explicar que era um desaforo. Homem não é bicho. Viver nas trevas é cuspir no progresso da humanidade. Depois a gente tem a obrigação de reagir contra os exploradores do povo. No preço da passagem está incluída a luz. O governo não toma providências? Não toma? A turba ignara fará valer seus direitos sem ele. Contra ele se necessário. Brasileiro é bom, é amigo da paz, é tudo quanto quiserem: mas bobo não. Chega um dia e a coisa pega fogo. Todos gritavam discutindo com calor e palavrões. (MACHADO, 1928, p. 2).

Essa atitude questionadora e ativa diante da realidade apresenta-nos um deslocamento dos espaços de “passividade”, “vulnerabilidade” e “invisibilidade” que normalmente aparecem como as únicas possibilidades para essas pessoas nos espaços literários e sociais, contribuindo assim para a desconstrução de estereótipos. Além de explicitar o conceito de cegueira moral, remete-nos ao questionamento de Saramago (1995, p.310), “Por que foi que cegamos”, ou seja, a sociedade era incapaz de enxergar. Essa cegueira moral estava expressa naquela sociedade, na figura de seus agentes públicos que não reconheciam ou permaneciam ignorando a existência daqueles cidadãos. Assim,

O chefe do trem correu quase que chorando. — Que é isso? Que é isso? É por causa da luz Baiano velho respondeu: — **É por causa das trevas!** (MACHADO, 1928, p. 3, grifo nosso).

Essas palavras manifestam simbolicamente que a verdadeira escuridão encontra-se na ausência de direitos. Assim a incapacidade de enxergar das pessoas desloca-se da condição visual do protagonista e é manifestada pelo governo e demais instituições.

Assim, podemos afirmar que todos estavam vivendo nas trevas, pois viver na escuridão representava viver em um mundo em que seus direitos não eram respeitados ou legitimados. Os limites não estão em qualquer que seja sua condição, mas em um olhar que coloca um “véu” sobre os direitos das pessoas.

A narrativa tem um desfecho curioso, pois a revolta da população pelo desrespeito e pela falta de condições transformou-se em um grande protesto, em reportagens da imprensa e acabou em uma investigação e um interrogatório policial com o objetivo de compreender a origem dos protestos.

Todos se mantiveram na negativa menos um que se declarou protestante e trazia um exemplar da Bíblia no bolso. O delegado perguntou: — Qual a causa verdadeira do motim? O homem respondeu: — A causa verdadeira do motim foi a falta de luz nos vagões. O delegado olhou firme nos olhos do passageiro e continuou: — Quem encabeçou o movimento? Em meio da

ansiosa expectativa dos presentes o homem revelou: — Quem encabeçou o movimento foi um cego! Quis jurar sobre a Bíblia mas foi imediatamente recolhido ao xadrez porque com a autoridade não se brinca. (MACHADO, 1928, p. 3).

O lugar de visibilidade, de manifestação, de iniciativa e de luta por direitos ocupado pelo protagonista ao longo da narrativa contribuiu para a desconstrução de padrões estéticos e sociais historicamente vislumbrados para as pessoas com deficiência visual. Mas, ao mesmo tempo, o caráter satírico e irônico presente no desfecho narrativo é construído a partir da condição visual do protagonista, contribuindo para reforçar a crença dessas instituições inquestionáveis (como a justiça) que representam os direitos da população de que uma pessoa com deficiência visual não poderia ser a idealizadora de um manifesto pelo direito à luz.

4.2.3 *E não se esqueçam de regar os girassóis*, de Sara Bentes

Na obra *E não se esqueçam de regar os girassóis* (2016), a escrita sensível de Sara Bentes nos carrega afetuosamente à descoberta de um universo peculiar e adorável. O romance narra o encontro das trajetórias de dois jovens que têm em suas deficiências traços de suas características. O casal descobre o encaixe perfeito de suas existências – ela, com deficiência visual; ele, com deficiência motora – em um encontro raro de uma diversa forma de amar. Nesta análise, no entanto, destacamos que, devido à delimitação temática, nosso olhar incidirá principalmente sobre a representação da personagem feminina com deficiência visual.

Sara Bentes convida o leitor a aproximar-se de Giovanna e de sua diferente forma de ver o mundo, tendo sua existência iluminada por uma escrita poética e verossímil. Arrebatando-nos pela rara sensibilidade, ao ser a responsável por iluminar a existência de Giovanna e de sua forma de ver/sentir o mundo.

De todos os autores trabalhados até aqui, Sara é a única que tem a mesma deficiência da sua personagem, vivendo, na pele, os mesmos desafios, contando-nos assim uma história que também é sua. A obra *E não se esqueçam de regar os girassóis* (2016) é o seu primeiro romance publicado, sendo disponibilizado, primeiramente, em versão digital acessível e posteriormente em versão impressa. Em 2018, durante a realização da Feira Literária de Parati (FLIP), evento tradicional

do cenário literário brasileiro, o romance foi premiado em um concurso que destaca publicações independentes. Sara publicou anteriormente duas obras: um livro de crônicas e outro de poesia. Além disso, também destaca-se na música, na dança, no circo e no teatro, utilizando as diversas manifestações artísticas como ferramentas de seu ativismo na luta pelos direitos das pessoas com deficiência. Por tudo isso, presenteia-nos com uma rara verossimilhança, de um universo ainda pouquíssimo explorado pela literatura nacional: a temática da deficiência visual.

A protagonista Giovanna é uma jovem cantora e professora de canto de crianças em uma escola de arte. Tendo baixa visão, mesmo assim desloca-se, de maneira sutil, do lugar comum de fragilidade e proteção para uma posição de protetora do seu grupo de teatro. Durante um ensaio, “com aquele ballet de seus braços e cabelos, desbravava o espaço sem medo, corajosa e feliz por mantê-lo [o colega] em plena segurança, ao menos naquele momento.” (BENTES, 2016, p. 14).

No início da narrativa, um encontro clichê entre Giovanna e Emanuel revela suas deficiências.

— Perdão! - pediu a moça que acabara de lhe dar uma trombada no início do corredor.

A colisão derrubou de suas mãos todas as moedas, que ele acabara de organizar, e quase o derrubou também.

— Me desculpa, me desculpa! - Ela pedia, pesarosa e também surpreendida com a trombada, ouvindo ainda o tilintar das moedas no chão

— Nossa, me desculpa mesmo, eu não te vi. (BENTES, 2016, p. 9).

Podemos observar a aceitação que a protagonista revela frente à sua condição de baixa visão, que já a acompanha desde a infância. No trecho, demonstra um sentimento de gratidão pela visão que possui, encarando-a de maneira realista, ciente de suas dificuldades e possibilidades.

— Claro, é um grande presente - ela dizia, enquanto começava a ressoar uma música de um piano alegre e revelador, mas só ela ouvia - eu agradeço todos os dias pela visão que eu tenho, ela é pouca, mas é o que eu tenho, é minha realidade, desde que nasci.

— E pelo jeito vocês se entendem muito bem, você e sua câmera de baixa resolução. - ele disse sorrindo.

— Fui bem treinada. Faço bastante coisa com essa visão, e até abuso dela. Mas e você? Fraturou o pé, a perna, ou também tem uma deficiência? (BENTES, 2016, p. 12).

O enredo é colorido por novos tons, quando a protagonista perde o pouco da visão que tinha, aprofundando a fragilidade de Giovanna frente à nova situação.

[Ela] parou de cantar, quando sentiu o choro cortar sua garganta e transbordar ardendo pelos olhos. Não deu mais para segurar, por mais que ela tentasse sustentar o ânimo e a alegria durante todo o dia, havia perdas recentes para serem choradas. (BENTES, 2016, p. 28).

Durante uma singela descrição de paisagens para Giovanna, uma prática agora tão presente no seu mundo, encontramos uma reflexão sobre a sociedade e aquelas pessoas que, apesar de possuírem o sentido da visão, não são capazes de enxergar o mundo pela perspectiva dela.

— Se você quiser eu posso descrever a paisagem pra você. Sei que não é a mesma coisa, pois cada um vê o que quer ver numa paisagem, numa imagem, e eu não sei como você veria, que coisas seriam relevantes e bonitas no seu ponto de vista.

— **Esse é o perigo de ver o mundo pelos olhos de outra pessoa**, ver um filme descrito por outra pessoa, uma foto, uma pintura. Quem descreve dá a sua própria interpretação, é difícil descrever imparcialmente alguma coisa.

— Será que nem mesmo um jornalista? (BENTES, 2016, p. 36, grifo nosso).

O romance nos revela a importância das palavras na construção de sentidos e de como elas são capazes de expressar muito mais do que simples descrições. Para Giovanna, as palavras são essenciais para poder ver/sentir o outro.

— Essa é a parte legal da descrição, é o quanto você passa a conhecer e entender alguém a partir da maneira que esse alguém descreve alguma coisa. Eu quero saber como o Emanuel descreveria esse pôr do sol, o que se destacaria no seu olhar, o que teria importância e o que não teria. (BENTES, 2016, p. 38).

A protagonista expressa “naquelas palavras dela um desejo de enxergá-lo,” (BENTES, 2016, p. 38), ou seja, a palavra representa para ela um reencontro com o sentido que perdera.

[...] Ela voltou a se concentrar na história que ouvia, preferiu deixar de lado aquela dor e se entregar plenamente àquele agora, ao calor gostoso que o sol lhe oferecia, incidindo de frente em seu rosto, ao carinho que a brisa fria lhe dava nos cabelos e na pele, no som macio das folhas, que respondiam aos mínimos movimentos que os dois faziam com as pernas, ao aroma da vegetação e da terra, à cor luminosa da voz de Emanuel, **e foi sentindo aos poucos algo retornar sutilmente a seu lugar, algo que havia lhe abandonado e que começava a voltar para a casa.** (BENTES, 2016, p. 66, grifo nosso).

O trecho acima apresenta a relação da personagem com a leitura – Emanuel, colega no grupo de teatro, está lendo para Giovanna, especialmente a prática da

leitura ouvida, resgatando aos poucos as cores do seu mundo interior. No decorrer da narrativa, os sentimentos contraditórios vividos por ela perpassam os processos necessários de uma protagonista que vai sendo reconstruída. Ela mergulha em si mesma e nos desafios de reaprender a viver com sua nova condição visual, bem diante aos olhos do leitor.

Ao sentir a bicicleta sob suas mãos, Giovanna sorriu. Logo a tombou um pouco, passou uma perna e montou. Era tão contraditória a emoção que sentia naquele instante, metade uma euforia de criança e metade um medo paralisante. O que fazer com uma bicicleta na escuridão? Como pedalar e direcionar o *guidon* para onde ela não estava vendo? Sem nenhuma referência de luz, sem um foco para onde olhar, o chão à frente parecia não existir, a estrada ela não sabia ao certo em que direção ia, o perigo poderia estar por todos os lados, no alto, embaixo, tudo parecia possível e imaginável quando ela não via. Sentia uma vontade de rir e chorar diante daquela loucura. (BENTES, 2016, p. 50-51).

Os dois aproximam-se por suas condições e suas formas diversas de experimentar o mundo. Giovanna é guiada pela voz de Emanuel; e podemos dizer metaforicamente que dirigir a bicicleta assemelhava-se com o equilíbrio necessário para a rota e a direção de sua própria vida.

Agora mais confiante de que se mantivesse a calma estaria segura, ela pedalou com vontade e se permitiu sentir o melhor daquela sensação. Tendo à frente a voz de Emanuel como sua estrela guia, ela foi deixando escorrer o medo pelo caminho e se entregou ao vento que a velocidade fazia, à oscilação cada vez menor do *guidon*, ao relevo da estrada, e uma gargalhada crescente e alta saía sem freio de sua boca. [...] Emanuel, sem parar de falar um segundo, riu também gargalhadas escandalosas quando viu Giovanna rindo. O que ele falava ela nem compreendia, só seguia aquele farol de som. (BENTES, 2016, p. 52).

Em um de seus diálogos descontraídos, de frases sutis, sentimos florescer uma protagonista forte e decidida. Talvez, uma das peculiaridades de Giovanna seja a força resultante da própria vulnerabilidade, fazendo com que se imponha frente a Emanuel quando diz que ele fala e ela deve escutar. Como resposta ela diz: “- Está certo, sim, senhor. Mas saiba que não será sempre assim, viu?” (BENTES, 2016, p. 53).

Durante o romance, acompanhamos a trajetória de sua reabilitação, tendo que se adaptar a diversas situações, como se deixar guiar e confiar nas outras pessoas:

Desculpa, eu acho que me apoiei com muita força em você.
— Imagina, - ela dizia sorrindo tranquila - não pesou nada. E eu estava era feliz de poder ser a estrela guia de alguém. Tenho sido guiada o tempo

todo, as pessoas escolhem por mim onde passar, que trajeto fazer, onde me colocar para sentar ou esperar. Isso cansa. Fiquei tão feliz de poder guiar alguém, mais ainda agora sabendo que foi você.

— É, não é fácil se deixar guiar e confiar o tempo todo. É um belo exercício. **Na verdade qualquer uma dessas nossas maneiras diferentes de estar no mundo é uma grande oportunidade de aprendermos coisas novas, de vivermos novas aventuras, de experimentarmos outras percepções, de acrescentarmos belas vivências ao nosso currículo de vida.** (BENTES, p. 19-20, grifo nosso).

Para Giovanna com sua nova maneira de encarar o mundo, adquirida há pouco tempo, situações cotidianas como comer, atravessar uma rua ou escolher o que vestir, tornaram-se enormes desafios.

Durante essa fase de adaptação, vemos aos poucos os espaços sendo expandidos para além de sua casa: a escola de arte, a casa de Emanuel, os passeios com as amigas.

Todos a receberam com simpatia, mas com certo constrangimento, não imaginavam como fazê-la saber que estavam estendendo-lhe a mão, ou aproximando-se para um beijo no rosto ou um abraço. Em seguida, Emanuel a conduziu até uma cadeira e pôs sua mão no espaldar, para que ela se orientasse bem na hora de sentar. Ele posicionou-se à esquerda dela. (BENTES, 2016, p. 80).

Nessas interações com seus amigos, durante conversas espontâneas e descontraídas, a protagonista explica naturalmente os questionamentos sobre os recursos de acessibilidade como os leitores de telas, as faixas táteis e o recurso de áudio-descrição em filmes ou séries.

— E realmente ajuda, Giovanna? - Indagou Nícolas.

— Completamente! - Respondia ela com firmeza - Nos faz participar perfeitamente das cenas e nos dá autonomia, pra que a gente não precise ficar incomodando o amigo ou outra pessoa ao lado pra perguntar o que está acontecendo agora, que barulho é esse, quem morreu, o que o casal está fazendo nesse silêncio.

Todos riram. (BENTES, 2016, p. 83).

Entre as tantas peculiaridades dessa protagonista, entre suas características destacam-se sua força e, principalmente sua coragem em expressar seus sentimentos seus medos e suas angústias. A sensibilidade da alma de Giovanna é desnudada, através de sua arte, e, em outras vezes, transborda por suas inquietações.

estou cansada dessa brincadeira no escuro. Ainda não me sinto adaptada, é muita novidade, muita coisa pra reaprender, e tudo isso junto tem hora

que explode aqui dentro. Eu estou me esforçando, estou fazendo a reabilitação, tenho me dedicado, mas parece que foge ao meu controle, parece que está tudo desregulado aqui dentro, minhas reações são completamente diferentes do que eu era antes, não sei o que acontece. Sabe, eu sou forte, eu juro que sou. (BENTES, 2016, p. 105).

A obra descreve com leveza e profundidade os diversos olhares sobre o mundo, assemelhando-se ao conceito da diferença como um traço de todo o ser humano. Giovanna tem um jeito singular de ver o mundo, mas na verdade todos nós também temos.

—Na verdade, cada passante aqui é um observador, cada observador ocupando seu lugar ao sol, cada observador com um ângulo de visão, cada olhar um posto de observação, cada um analisando a cena do alto de seus desejos, seus preconceitos, suas virtudes, limitações, vivências e lembranças; todos condenados por seus olhos a julgar e se enganar sobre realidades tão fugazes e ilusórias que são as imagens. (BENTES, 2016, p. 143).

Muitas vezes, enxergar torna-nos limitados, pois estamos tão acostumados com olhares cristalizados e distorcidos sobre as condições humanas. Em uma passagem do texto, o casal Giovanna e Emanuel está sentado perto do mar conversando alegremente. Enquanto, Emanuel está sentado no banco do calçadão, Giovanna experimenta sentar-se na cadeira de rodas do namorado e depois de algum tempo uma senhora resolve aproximar-se dos dois.

Uma senhora idosa, de cabelos brancos e pele clara, magra, caminhava perto da água e parou ao avistar, na beira do calçadão, o jovem casal. Passou a contemplá-los com olhos de encanto, e não pôde ficar sem sorrir diante da alegria que via neles. Depois de alguns segundos de observação, não resistiu e foi até os dois. Olhou bem para Giovanna, sorridente na cadeira, e disse, a voz mansa e ligeiramente trêmula:

— Que Deus te abençoe, que tenha misericórdia e te traga a cura espiritual.

Sem ver a senhora, Giovanna não teve meios de adivinhar que a fala era para si. Muitas pessoas passavam por ali, falando, conversando, e ela não podia supor que alguém que não a tocasse ou não dissesse seu nome, estaria falando com ela, e voltou a dizer qualquer coisa a Emanuel. Mas logo interrompeu a própria fala, quando percebeu que ele respondia, por ela:

— Obrigado, senhora, que Deus abençoe a senhora também.

A mulher exibiu no rosto uma súbita decepção, admirada com a indiferença de Giovanna. No entanto, rapidamente recompôs-se e abriu a boca para perguntar algo, lançando a Emanuel um olhar interrogativo. Ele se adiantou e explicou sorridente:

— É que ela não enxerga, por isso não percebeu que a senhora falava com ela. (BENTES, 2016, p. 256- 257).

Essa aproximação revela ainda uma crença social que relaciona a deficiência à doença ou à limitação, que por isso seriam merecedoras da piedade e da misericórdia divina. Essas abordagens totalmente exageradas e inadequadas revelam ainda um desconhecimento por parte das pessoas com relação às pessoas com deficiência, colocando-as em posições estereotípicas: de trajetórias de sofrimento, encarando a deficiência como um castigo divino.

- Que Deus te abençoe, minha filha, que te traga muitas graças e muita cura, muita cura.
- Obrigada. - Disse Giovanna, com a voz serena e um meio sorriso nos lábios.
- Você é tão bonita, minha filha, Deus vai te trazer a cura. - A senhora insistia, agora beijando a moça na testa.
- Vai sim, obrigada. - Respondeu Giovanna.
- Quanto sofrimento, meu pai, tenha piedade, tenha piedade. - Dizia a senhora, grudada à cabeça da moça.
- Nem tanto. - Falou Giovanna. [...]
- Que o nosso Deus pai te traga muita força, coragem e luz, minha filha.
- Ele já traz. - Respondeu ela, já com certo tédio na voz” (BENTES, 2016, p. 257).

A narrativa recebe tons satíricos, quando Giovanna, já cansada com os comentários desagradáveis da senhora, resolve ir embora, levantando-se normalmente da cadeira de rodas do namorado sob o olhar espantado da senhora que acredita ter presenciado um milagre.

[...] e, num salto, ergueu-se da cadeira de rodas, falando:

—Vamos embora?

Este exato momento foi uma das pausas na caminhada entrecortada de olhadelas para trás da pobre senhora, que, presenciando ali o que supôs ser um milagre, levou subitamente a mão ao peito, empalideceu, escancarou olhos e boca, pareceu petrificar-se. Assistiu ainda, imóvel, a Emanuel se transferir para a cadeira, com a ajuda de Giovanna e a saírem juntos dali, ela o empurrando com naturalidade e destreza e ele controlando apenas a direção das rodas, uma parceria que, de longe, passava despercebida; para observadores desconhecidos (BENTES, 2016, p. 257-258).

Nesse sentido, a literatura cumpre um papel social importante, contribuindo para a aproximação do universo das deficiências e promovendo discussões pertinentes através de exemplos de aproximação, formas de abordagens e auxílio e de integração social. Essas temáticas aparecem durante os diálogos casuais e descontraídos das personagens com discursos esclarecedores e educativos.

— Claro, a gente se vê na quarta, - ele confirmou com alegria - quando ouvir uma voz laranja-claro você já sabe que sou eu.

— É isso aí! - Ela disse rindo - Mas olha, ainda não estou bem familiarizada com a sua voz, então, se eu não te reconhecer à primeira ouvida, por favor, identifique-se. (BENTES, 2016, p. 25).

A descontração da voz laranja-claro já aponta para outra questão importante: a linguagem poética de *E não se esqueçam de regar os girassóis*, construindo uma nova perspectiva estética, repleta de descrições delicadas e profundas:

Olha, o céu está nublado, mas o sol não se rende e está atravessando as nuvens com uma luz branca amarelada difusa muito clara e muito bonita. As nuvens mais escuras estão se misturando com essa luz e formando uma estampa rara.

— Que lindo! Pelo menos o que imaginei a partir da sua descrição é lindo. Você está ficando bom nisso, rapaz!

—Eu vou acabar virando um escritor! (BENTES, 2016, p. 54).

Em outra passagem, essa mesma poeticidade sobre as deficiências das personagens relaciona, no caso de Giovanna, sua condição visual a diferentes formas de “enxergar” o mundo, afastando-se da construção comum de limitação.

Ele perguntava admirado – Mas você enxerga quanto?

— Nem eu sei, sei é que meu olho é uma câmera de baixa resolução de imagem. Não consigo ler, nem reconhecer o rosto das pessoas, nem atravessar sozinha uma rua, nem ver televisão. Enxergo somente as cores mais vivas, os contrastes, os brilhos. Se eu olho daqui para esse chão escuro, as moedas, também escuras, somem. Mas procurei de onde vinha a luz e encontrei um ângulo em que as moedas a refletissem em cheio. Então elas viraram estrelas brilhantes nesse chão escuro como a noite e aí eu pude vê-las – ela concluiu contente.

— Puxa! - Ele falou impressionado – Quanta perspicácia.

E quanta poesia!

Ela riu simpática e falou:

— Sim, essa minha visão, diferente, às vezes traz algo de poético. (BENTES, 2016, p. 11).

Esse trecho apresenta uma dificuldade da própria Giovanna em definir sua condição visual, buscando respostas na poesia ou nas estrelas. Esse pensamento remete-nos a um instinto humano, na tentativa de encaixar as pessoas em espaços limitados ou definitivos, quando sabemos que a complexidade do ser humano ultrapassa esses limites. A sociedade ainda encontra-se presa a essas definições, e a ideia da complexidade que nos constitui talvez só possa ser explicada pela subjetividade da poesia ou das estrelas. A perda da visão é encarada por Giovanna como uma vírgula, apenas uma pausa, porque desde pequena, quando refletia

sobre a possibilidade da perda da visão, sua intenção nunca foi de encará-la como um ponto final em sua vida. Assim vemos a protagonista reescrever sua história,

[...] tudo parecia difícil, tudo parecia de outro mundo, um mundo agora feito de cheiros, texturas sons e sensações, percepções todas que já eram captadas por seus outros sentidos, que sempre funcionaram muito bem, mas agora pareciam mais fortes. Toda a atenção que ela não dedicava mais à visão dividia-se entre os outros sentidos, então eles pareciam mais aguçados. Todo o seu corpo queria estar alerta o tempo inteiro, para se proteger, para se defender, por isso se tensionava, enrijecia a musculatura. Isso lhe cansava, tanto corpo quanto mente, e no fim da tarde ela já queria que fosse noite, para voltar a dormir e recarregar as energias, que já haviam se esgotado. (BENTES, 2016, p. 27- 28).

A escuridão de seus olhos leva-a agora a outro mundo, repleto de novas referências, percepções e desafios. Interessante notar que, contrapondo-se à escuridão, ausência de cores, o romance revela um contraste luz e sombra, branco e preto (lembrando que, por definição, branco é a presença de todas as cores, e preto, a ausência delas). A metáfora das cores está presente na narrativa, simbolizando as diferentes existências e suas diversas formas de estar no mundo, cada um com seu modo de ser.

— Ah, é? E que cor é o sábado?

— Pra mim ele é verde, um verde-piscina só que mais escuro. Mas cada um vê o sábado da cor que quiser. Aliás, a gente não escolhe a cor de nada, ela simplesmente vem, involuntariamente. (BENTES, 2016, p. 34).

Assim como Maria Alice, protagonista do conto de Orígenes Lessa aqui também encontrou o simbolismo das cores. Nesse caso, sendo utilizada como metáfora das diferentes existências. Cada uma dessas vidas sendo colorida com diversos tons e semitons, com seus contrastes e tonalidades, desde cores mais comuns a tonalidades raras, afinal as cores permanecem fazendo parte do universo de Giovanna, sendo capaz de encontrá-las em uma atitude, em uma melodia ou em uma sensação.

— Bom, mas eu já falei demais. E você? Continua lindo?

Ele riu surpreso e desconsertado, olhando para baixo.

— Com todo o respeito, - ele falava rindo - acho que você realmente enxergava muito mal quando me conheceu, Giovanna.

— Dos olhos sim, mas eu sempre tive minhas maneiras de enxergar beleza. Essa sua voz laranja-claro é voz de quem é muito bonito, uma cor que eu nunca vi na voz de ninguém.

Ele deu uma gargalhada sonora. Ela riu mais silenciosa.

— Como é que é? Minha voz é laranja-claro? Obrigado por me informar, nunca ninguém tinha me contado!

— Pois é, pelo menos pra mim ela é! - Ela respondeu rindo - Sou uma sinesteta e vejo cor em tudo que é som, palavra, número, dia da semana, mês, é uma loucura. (BENTES, 2016, p. 20).

Ao percorrer o caminho de reconstrução de sua identidade e de sua autoafirmação, expressa a força de uma voz feminina. As palavras da narradora vão colorindo delicadamente os cenários, delas ecoam manifestações singelas de afeto e empatia.

Ele pigarreou, abriu o livro e começou a ler cada palavra, desde o título, nome do autor, dedicatória. Ela ouvia atenta, a cabeça sempre repousada no tronco da árvore e o rosto voltado para Emanuel. Uma bela paisagem de outono os envolvia. A vasta folhagem que os acolhia no chão misturava vermelho, laranja e marrom; as árvores, enfileiradas na beira do campo e mantendo bons metros entre si, sustentavam galhos finos e sem folhas; o céu, colorido por um sol que já começava a cair, era borrado de tons róseos e de cinza azulado. Emanuel lia sem parar, e a cada palavra bem pronunciada, cada entonação diferente e sempre expressiva que ele dava às frases, cada emoção que ele imprimia na voz, ela ia gostando mais e mais daquele momento, daquela leitura calma e fluida que ele compartilhava com ela. E dentro ela ouvia cada vez mais nítida uma canção dedilhada ao piano, embalada pela voz clara e generosa de Emanuel e pela história que lia. (BENTES, 2016, p. 63).

Os protagonistas encontram, em “suas imperfeições”, o encaixe perfeito de suas diferenças de uma maneira natural:

— Sabe o que acabei de descobrir? Que a cadeira de rodas é a melhor bengala que existe.

— Como assim? - Ele perguntou rindo.

— As rodas me transmitem exatamente o relevo de onde eu vou pisar com o próximo passo, de uma maneira muito mais fiel e ampla que a bengala.

— Que maravilha! [...]

—E sabe o que eu também acabei de descobrir? – Ele perguntou virando rapidamente a cabeça para trás e voltando a olhar para a frente - Que você é a melhor seguradora de cadeira que existe!

— Por quê?

— Todo mundo que pega na cadeira quer empurrar, quer me conduzir achando que está me ajudando, mas na maioria das vezes acaba me atrapalhando, porque as pessoas, sem querer, deixam a roda entrar num buraco, ou passar por uma pedra, ou me empurram pesado demais sem medir a força, podendo até provocar acidentes por essas e outras distrações. Eu sei por onde quero passar e eu tenho condições de tocar a cadeira sozinho, claro que às vezes preciso de uma forcinha, mas você é a única pessoa que não quer me guiar, você quer ser guiada, então você não quer escolher o caminho por mim, você não me atrapalha, muito pelo contrário.

— Que bom! (BENTES, 2016, p. 39- 40).

Os maiores obstáculos enfrentados pelas personagens são as barreiras atitudinais, enraizadas em crenças que menosprezam suas capacidades. Em uma passagem, a protagonista relembra um diálogo durante seu antigo relacionamento, no qual seu namorado fazia comentários, insinuações, disfarçadas de proteção ou cuidado. Então, ao questioná-lo sobre a possibilidade dela cuidar da filha do rapaz, Giovanna é surpreendida com sua reação.

Você confia em mim pra cuidar da sua filha?

Ele ficou em silêncio.

— Rodrigo, qual é o problema? Você não quer ter um filho comigo no futuro? Então, já vamos treinando com a Vivi.

— Crianças pequenas correm pra lá e pra cá, meu amor, colocam coisas pequenas na boca. Como você vai dar conta de ver tudo isso, de ver os perigos? É muito difícil tomar conta de uma criança mesmo pra quem enxerga perfeitamente! A mãe dela já está mais acostumada, e eu fico mais tranquilo. Se você estiver junto eu vou ficar preocupado com a Vitória e com você.

—Você está dizendo que teria que tomar conta da sua filha e de mim?

— Amor, eu me preocupo com você o tempo todo que a gente está junto, fico atento nos seus passos pra você não cair, fico cuidando pra que nada te machuque, pra que você não se choque em nada. Eu gosto de te ajudar.

— Eu te dou muito trabalho, não é, Rodrigo? Peço pra você ler o cardápio pra mim, peço pra você me descrever uma cena do filme, peço ajuda pra atravessar uma rua. E isso não me torna digna de ser mãe de um filho seu, e muito menos de te ajudar a cuidar da sua filha. É duro de acreditar. (BENTES, 2016, p. 75-76).

Em nossa sociedade, ainda tem-se a crença que relaciona a figura feminina a um instinto maternal, por mais que essa visão também precise ser desconstruída com relação às mulheres. Quando essa mesma lógica não é usada com as mulheres com deficiência, é como se reforçasse ainda mais o estereótipo de não serem vistas como as outras mulheres, sendo tratada como uma “não-mulher”.

No entanto, Giovanna nutre o desejo de ser mãe, além de ter uma afinidade com as crianças, revelada já desde a sua atuação como professora. Mas, depois da perda total de visão, sente-se insegura com essa intenção, devido aos novos desafios dessa interação. Tem receio de machucá-las, de não perceber uma situação de perigo ou, ainda, das perguntas inesperadas sobre sua condição visual.

Mas, ao longo da narrativa, experimenta novamente essa aproximação, sendo muito enriquecedora ao enredo, pois essas personagens infantis demonstram uma capacidade inigualável de compreender as diferenças.

Em uma das passagens, o garoto Guilherme, personagem filho de uma amiga de Giovanna, convida a protagonista para desenhar. Nesse momento ela aproveita

para fechar os olhos do menino, demonstrando sua maneira de ver/sentir o mundo. Em seguida Giovanna é surpreendida por Guilherme,

- Olha, tia Giovanna! Olha! Vem cá pra você ver!
 — Ver o quê, Guigui? - Interessou-se Emanuel, virando o rosto para trás para olhar o desenho.
 — Não, é pra tia Giovanna ver! - Insistiu o menino, levantando-se e indo buscar a moça pela mão.
 — Mas logo eu? - Ela perguntou com estranheza.
 — É, pra você ver com a mãozinha, - ele dizia empolgado, puxando a mão dela até a folha sobre o tapete - é pra você ver o meu desenho! Olha como ficou.
 Emanuel também se aproximou e, antes de Giovanna, compreendeu o que Guilherme acabara de descobrir. Ele então sorriu e conteve sua reação, esperando que ela entendesse por si mesma. Guigui pousou a mão dela bem em cima do desenho, que, traçado no papel sobre a superfície relativamente macia do tapete, estava em baixo-relevo. Ela abriu a boca, puxou bastante ar e falou pausadamente, incrédula:
 — Guigui, você fez um desenho tátil? Como você fez isso?" (BENTES, 2016, p. 270-271).

Giovanna cultiva em seu coração a vontade de adotar uma criança, mas durante uma conversa informal com Emanuel, pode-se perceber que a própria Giovanna duvida de si mesma e limita seus ideais, vendo-se imersa em crenças limitantes de suas capacidades e de seus sonhos. Mas, ao mesmo tempo, revela uma consciência em relação a dificuldades, inseguranças e desafios presentes em sua vida.

- Mas agora... agora eu não penso mais nisso. – Ela acrescentou com os olhos baixos.
 — E por que não?
 — Pelo mesmo motivo pelo qual eu não queria ficar sozinha na sala com Guigui, pelo mesmo motivo pelo qual não voltei mais à ala infantil do hospital. Hoje eu já atropeli o Guigui! Eu morro de medo de atropelar e machucar as crianças, ou de deixar que elas se machuquem em algum perigo que eu não posso ver, tenho medo de não saber responder as perguntas delas em relação a mim e de não ver as reações delas. Crianças são muito visuais, se comunicam intensamente pelo visual, olhares, sorrisos, gestos. Eu tenho medo de não saber o que fazer, tudo agora é diferente, não sei se seria capaz de cuidar de...
 E, com os olhos vermelhos e a garganta apertada, interrompeu sua própria fala e apoiou a testa na mão.
 — **Quem foi que te fez acreditar nisso?** (BENTES, 2016, p. 269, grifo nosso).

A pureza das crianças na compreensão das diferenças ultrapassa fronteiras do desconhecimento com uma leveza inigualável.

Após a morte de sua mãe, o menino Guilherme torna-se órfão. Aquele sonho da protagonista que parecia esquecido é realizado de uma forma surpreendente

[...] Recebeu dentro de si um piano de acordes longos, num compasso lento e cheio de pausas, enquanto fora, apenas o som gostoso da água e a voz alegre de Guigui. Emanuel acariciou sua mão, depois colocou nela o sabonete de Guilherme, aproximou-se ainda mais da banheira e puxou o menino para cima, até botá-lo em pé. Puxou a mão de Giovanna com o sabonete para o pescoço de Guilherme e, lentamente, começaram a lavar juntos todo o seu corpinho. Assustada, com as mãos trêmulas, Giovanna sentia sob os dedos a pele delicada do menino e as formas miúdas de cada parte de seu corpo. Quando terminaram, ela tinha os olhos marejados, e mordida os lábios trêmulos, esforçando-se para esconder de Guilherme sua emoção.

— Meu amor, - ela dizia a ele, com a voz meiga e embargada - você quer ficar na água brincando mais um pouquinho?

— Sim. - Respondeu o menino, sorrindo para ela e se sentando de novo.

Ela afagou amorosamente a cabeça dele, depois virou-se para Emanuel, buscando de novo sua mão. Ele deu-lhe a mão e, após um suspiro triste, disse-lhe baixo:

— Ela se foi, de madrugada.” (BENTES, 2016, p. 471-472).

A obra discute temas relevantes, promovendo reflexões necessárias como a exclusão das pessoas com deficiência, o desconhecimento da sociedade sobre as diferenças e a violência praticada contra as mulheres. As mulheres permanecem expostas a relações de dependência, relacionamentos abusivos e violência sexual, práticas resultantes de uma cultura dominante que historicamente colocou a mulher em posições de fraqueza e inferioridade. Mas, quando essa cultura da violência toca em corpos de mulheres com deficiência, supostamente mais vulneráveis, dificilmente podemos compreender as marcas profundas ali deixadas. Principalmente, pela invisibilidade dedicada a essas mulheres, essa violência não é vista, assim como seus corpos.

No romance, num passeio de Giovanna e Emanuel a um *shopping*, um homem ameaça o casal e abusa dela, tocando em suas partes íntimas, alcançando assim uma violência mais profunda, frente à fragilidade da situação.

— Qualquer mulher quando é violentada sofre um trauma significativo, ainda mais se for diante do parceiro. Quando entra no meio uma deficiência isso fica mais grave, pois, em teoria, uma deficiência deixa a mulher mais vulnerável.

Emanuel baixou de novo o rosto e as lágrimas insistiam em descer. Martinha aparou algumas com o lenço de papel e continuou:

— É claro que qualquer mulher, tendo uma arma na cabeça, estaria vulnerável mesmo enxergando. Mas será que conseguimos medir os sustos de alguém que passou por tudo isso sem ver o que estava acontecendo? Talvez isso torne o trauma maior, ou não. É ela quem vai mostrar com o tempo. (BENTES, 2016, p. 355).

Em passagens finais do romance, a protagonista sente a necessidade de afastar-se de tudo o que trazia recordações de uma Giovanna que não existia mais.

Nesse processo íntimo, a protagonista toma para si a voz do narrador, enquanto escreve uma carta a Emanuel, explicando seu necessário afastamento dele. Essa mudança possui um simbolismo estético interessante: mais do que escrever uma carta a Emanuel, a protagonista escreve uma carta para si mesma, reescrevendo assim sua história. “Tudo o que escrevi a lápis, não quero que seja minha realidade por muito tempo. Quero ressignificar e reescrever, a tinta, essas lacunas da nossa história. Você quer reescrever comigo?” (BENTES, 2016, p. 422).

O reencontro do casal protagonista ocorre durante um seminário sobre superação e diversidade. Giovanna é a responsável por apresentar a roda de conversa que tem como convidados uma jovem surda, um jovem com síndrome de down e o próprio Emanuel que possui uma deficiência física e outras complicações motoras e neurológicas. Cada um deles conta suas histórias, no desenvolvimento de suas profissões e suas diferentes formas de encarar a vida. As diferenças dos personagens, de como essa diversidade são capazes de interagir, de inspirar.

Os olhares distorcidos sobre a diversidade humana acabam por desumanizar as pessoas com deficiência, considerando-as como detentoras de uma capacidade superior aos demais para superar seus limites. Na obra vemos essa humanidade perdida, sendo cuidadosamente resgatada, quando o personagem Emanuel reflete sobre a superação como uma capacidade intrínseca de todo o ser humano.

— E não é porque ela [Giovanna] já tinha uma deficiência de nascença que agora ela se sai bem superando sua nova condição, **é porque ela é um ser humano**, e a superação é uma capacidade de todo ser humano. Nós quatro estamos aqui neste palco hoje, com nossas variadas histórias, falando sobre superação, mas vocês aí também têm ou terão suas histórias de superação. Adquirir ou nascer com uma deficiência, com uma limitação, não nos põe em outro patamar de evolução nem nos dá automaticamente uma capacidade a mais de superação. Antes de qualquer diferença, somos pessoas, cheias de sonhos, de paixões, de imperfeições, de necessidades e planos, como qualquer um de vocês, e o que a deficiência nos traz, além de outras tantas coisas, é a oportunidade de desenvolver, talvez com mais urgência, essa capacidade maravilhosa e inerente ao ser humano que é a superação. (BENTES, 2016, p. 439, grifo nosso).

Sobre Giovanna sempre incidiram os mais diversos olhares: alguns penosos por só enxergar sua condição visual; outros admirados por reconhecer seu talento musical. Mas, entre tantos olhares que a fitavam, havia um em especial que Giovanna desejava enxergar. As palavras ou as tentativas de descrições não eram

capazes de definir a plenitude daquele olhar tão genuíno. Então, um de seus amigos resolveu, fazendo com que a protagonista fosse capaz de enxergar, através da música a profundidade de um olhar.

[...] Nicolas se sentou ao piano, abriu-o e falou:

— Da última vez que estive aqui, discutíamos sobre o olhar de Emanuel pra Giovanna, tentávamos descrevê-lo, defini-lo. Você me pareceu angustiada, Giovanna, por não ver este olhar e pelas palavras não serem o suficiente. Não sei se de lá pra cá alguém já conseguiu traduzir com palavras este olhar.

— Não. - Disse ela com certa melancolia.

— Bom, pra tentar te ajudar, compus uma música ao piano, que se chama "Olhar para Giovanna". É assim:

Muito concentrado, ele começou a tocar uma melodia singela, de notas precisas em escalas cheias de sentimento. Na mão esquerda, a harmonia tinha muitas notas, suaves e graves, mais notas que na melodia. Nas duas mãos a execução era cuidadosa, amorosa, rica de dinâmica e expressividade. Todos ouviam em absoluto silêncio. Giovanna, abraçada a Emanuel, absorvia imóvel cada nota. Ao fim, Emanuel tinha os olhos marejados, e Giovanna sorria encantada.

[...] Eu não sabia que o olhar do Emanuel pra mim era tão lindo. Obrigada. (BENTES, 2016, p. 480-481).

Os personagens percebem a arte como uma cura. A verdadeira, a cura genuína, encontra-se na liberdade plena de expressão, através da música e da dança. Nessa noite todos são curados, por estarem livres para expressar as cores de suas almas pela arte e por entregarem-se ao outro. A presença de Giovanna tem uma simbologia significativa, pois a sociedade, muitas vezes, ao longo dos tempos, fez das diferenças suas mais diversas manifestações, algo que necessitava ser curado. É como se todos nós estivéssemos sendo convidados, a desconstruir nossos pensamentos, libertando-nos de nossas amarras para também participar desse ritual de cura tão necessário para a humanidade.

— Na noite da cura, Giovanna, - explicava Martinha -cada um dá um pouco de sua arte, ou o que se saiba fazer de melhor.

— Eu, por exemplo, que não sou artista, - dizia Miguel -conto piadas!

— Que maravilha! - Giovanna manifestava-se com imenso encanto - E que sorte a minha estar aqui com vocês hoje, fazendo parte dessa tradição. (BENTES, 2016, p. 90).

A relação da personagem com a dança a faz reencontrar uma versão de si mesma que não existe mais, ao mesmo tempo em que descobre um novo mundo de sensações e movimentos. A dança simbolicamente representa uma ponte,

conectando as duas versões de Giovanna. Assim, elas dançavam de mãos dadas, reequilibrando-se dentro de sua alma.

Ao explorar este espaço e seus limites, seus braços, erguidos e esticados para a frente e lados, eram importantes instrumentos de proteção. Inicialmente eles se moviam buscando reconhecer o espaço e acompanhando a direção para onde Giovanna se virava; ao fim do reconhecimento, eles se moviam buscando ondas, círculos e graça, e acompanhavam agora os desenhos melódicos da canção. Ela sorriu mais uma vez. Buscou o centro de seu quadrado e, de frente para o som, deixou todo o seu corpo reagir àquela música. Desvencilhou-se das sandálias e chutou-as para qualquer canto. Pisou o chão frio mas não se importou, sentia apenas as ondulações, serpenteados, oitos e círculos tomando rapidamente seu corpo e reencontrando seus lugares, reativando aquelas antigas e conhecidas sensações alegres de plenitude, feminilidade e bem-estar. Com cuidado, ela foi ousando sair do centro e conquistar todo o quadrado enquanto dançava, já sem qualquer postura de defesa, agora sua proteção era a dança de seus braços, em movimentos constantes e graciosos para todos os lados. E o som, vindo sempre do mesmo ponto, lembrava-a a toda hora onde era a frente de sua performance. (BENTES, 2016, p. 281-282).

A história da protagonista é composta por uma trilha sonora das mais diversas melodias, tendo na música uma fonte de inspiração, capaz de transparecer seus sentimentos mais íntimos ao mundo.

Giovanna ajustou a postura, suspirou fundo, deslizou mais um pouco as mãos pelo teclado e tocou os primeiros acordes. Com a voz clara, encorpada e cheia de emoção, com floreios suaves, vibratos sutis e desenhos melódicos bem definidos, ela transitava do grave para o agudo numa melodia singela e contagiante. Cheia de sorrisos e verdade, cantou os versos de sua canção, que falava de interação, que falava de confiança e de paz. Antes de cantar a última frase, Giovanna ralentou o andamento, de modo a anunciar o fim da música. E, antes mesmo que ela silenciasse sua voz na derradeira nota, longa, puxaram um forte e sincero aplauso, com assovios altos. T tamanha foi a intensidade do som que produziram que ela chegou a se assustar, arregalou os olhos e abriu em seguida um sorriso de muita surpresa e gratidão.

—Giovanna, - dizia Martinha, depois que cessaram as palmas - você sentiu, pelos aplausos, que a plateia aqui gostou muito da sua performance. Mas tem uma coisa que o som dos aplausos não revela e que eu vou te contar agora: você conseguiu fazer alguém chorar.

Os amigos riram, olhando para Emanuel. (BENTES, 2016, p.97- 98).

As palavras de Bentes fazem florescer um encontro raro com o que há de mais diverso e humano em cada um de nós. O mundo é como um imenso jardim, composto das mais diversas espécies, de diferentes origens, cores e aromas, assim como os girassóis de Giovanna, e tantas outras esperando para serem regadas.

O girassol, por ser a flor que busca a luz, é um símbolo importante, que perpassa toda a narrativa, como um lembrete “E não se esqueçam de regar os girassóis”.

- Oi, Guigui!! - ela o cumprimentou contente, ajoelhando-se no chão e esperando sua aproximação.
- É pra você. - Ele anunciou feliz, parando em frente a ela.
- O quê?
- Olha, olha! - Falava o garotinho, pegando a mão de Giovanna e pondo sobre a flor. [...]
- Não acredito, Guigui! - Giovanna constatava baixinho, abrindo um largo sorriso de admiração - É um girassol! (BENTES, 2016, p. 200).

A existência de Giovanna reflete uma luz forte e rara, assim como o sol, que mesmo em dias nublados, por mais que não percebamos, permanece iluminando o universo. Com o apagamento de sua visão, a protagonista reencontra a luz na arte, nas pessoas, na natureza, e dentro de si, simbolizando que, ao perceber o outro, algo em nós transforma-se em luz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, optou-se por ressignificar a representação do diferente, pensado aqui pelo viés das pessoas com deficiência, em narrativas da literatura brasileira. Para tanto, foi necessária uma reconstrução histórica dos conceitos de Foucault, escavando brevemente as raízes das diferenças. Nesse caminho, percebe-se a construção de um abismo que entrelaça o outro a algo tão distante, prendendo-os em instituições. O conceito de diversidade configura-se historicamente como traços da loucura e/ou da anormalidade. Então, verificou-se a necessidade de compreender se essas crenças históricas sobre as condições humanas tiveram implicações nos aspectos legais.

Nesse ponto do estudo, caberia ainda um detalhamento maior do percurso da inserção desses indivíduos no contexto legal, analisando comparativamente as inclusões/exclusões presentes na legislação. Mas para fins de delimitação, por tratar-se de uma pesquisa em final de curso, optamos pelo abandono de concepções tradicionais acerca da temática. Então, atravessamos o tempo, pois a superação da concepção da deficiência como limitação é um registro recente. Esses documentos configuram-se como manifestos essenciais pelo direito dessas minorias e também pela inovação dos textos que agora relacionam os limites aos espaços sociais e as barreiras atitudinais.

A literatura, sendo o espelhamento da sociedade, possibilita que nos aventuremos nas existências dessas personagens, reconhecendo ali suas singularidades e diferenças. Werneck lembra a importância de “Incluir transversalmente o aspecto da diversidade humana no TODOS da pluralidade cultural brasileira”. Mais do que isso, afirma que “a existência humana, assim como a arte, encontra várias formas de desabrochar, valorizando sempre a heterogeneidade.” (WERNECK, 1999, p.30, grifo do autor).

Nessa travessia, fomos primeiramente ao encontro da loucura, expressa em Simão Bacamarte e Soroco. As narrativas revelam-se ainda circunscritas a padrões de normalidade e ao apagamento social. As trajetórias dos personagens assemelham-se por ambos terem sido os responsáveis por reconhecer a loucura no outro e em si mesmos. Simão é o médico, portanto o responsável por instituir as fronteiras entre razão/loucura e normal/anormal. Mas, em sua incessante busca pela loucura, acaba por encontrá-la em si mesmo. Posteriormente, embarcamos em uma

viagem com Soroco, que, ao levar as personagens ditas loucas até a estação de onde partirá o trem da loucura, acaba por entoar a mesma canção. Nesse momento, todos, inclusive Soroco, seguem juntos aquela trilha da insanidade: todo o coro social assemelha-se a Simão e a Soroco, pois deles também ecoa a canção do indizível, reveladora dos descompassos e contradições de toda a humanidade.

É o tempo em que os médicos se preocupam com as perturbações da alma em forma poética e filosófica, e em que os poetas querem ser médicos de seus próprios sentimentos, de suas delicadas enfermidades anímicas e também das corporais... (DÖRNER apud MARIA, 2005, p.69).

O mundo torna-se incapaz de compreender a complexidade de suas existências, quando não reconhece no louco traços semelhantes, afinal todos permanecem aprisionados dentro de si mesmos. A melodia intrínseca do “não pertencer” permanece ecoando nas personagens com deficiência visual. A música é um elo entre as trajetórias de Maria Alice, Baiano Veio e Giovanna em seus modos de ver/sentir o mundo. As mais diversas manifestações artísticas perpassam as narrativas: além da música, as cores, as letras, as palavras. Essas manifestações transparecem nas personagens como um lugar de possibilidade, de aproximação com o universo social e principalmente com seus universos íntimos.

Para Maria Alice de “As cores” de Orígenes Lessa, as canções dedilhadas ao piano a levam ao amor e a uma sensação de compreender o outro – as cores do outro – que se encontra em um mundo que ela desconhece. Sua inquietação em perceber as cores revela-se como um desejo de estar em um mundo colorido que não lhe pertence. Além disso, encontra, em seus livros e nas descrições feitas pelas pessoas, uma tentativa de alcançar a luz que ela não conhece.

Enquanto para Maria Alice a música é sua única distração, para Baiano Veio, de “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, de Alcântara Machado, a música, seu ganha-pão, leva-o ao trem, espaço de manifestação, agora pela palavra. No entanto, ainda esbarra ironicamente na descrença de que um cego poderia manifestar-se pelo direito à luz, em oposição à escuridão: essa é a luta manifesta do personagem. As palavras também são essenciais para Giovanna, de “E não se esqueçam de regar os girassóis”, de Sara Bentes, quando escuta atentamente as descrições e as leituras de Emanuel, encontra na singeleza/delicadeza daquela voz, um novo jeito de enxergar a vida. Para Giovanna, a arte manifesta-se como um reencontro com a nova versão de si mesma, através de cores, dança e melodias, assim como Maria

Alice expressava as cores de sua alma através de suas canções. A arte concebida como um manifesto pela liberdade interliga todas as narrativas do nosso *corpus*. Ao manifestarem-se através da arte, as personagens percorrem a mesma canção, aquela de Soroco. Essas vozes unem-se na trilha pela liberdade plena de ser/estar/existir em um mundo que muitas vezes não escuta suas vozes e nem enxerga suas existências.

Mais do que isso,

O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese. (CANDIDO, 2006, p. 17).

Nesse sentido, a literatura, sendo arte, recria uma realidade capaz de humanizar/desumanizar. Ao vislumbrá-la como um espelho da sociedade, principalmente consideramos a literatura como uma ponte capaz de conectar as mais diversas existências. Constata-se assim que o espaço literário é capaz de ressignificar um encontro com o outro, que nos parece ainda tão “estranho” e “distante”, permitindo que possamos reconhecer o outro que reside em cada um de nós.

A pesquisa ilumina o outro, recolhendo-o simbolicamente como o pôr-do-sol visto por Giovanna pelas palavras de Emanuel, fazendo com que possamos encontrar em si uma imensidão de cores raras e únicas, uma imensidão tão humana quanto qualquer um de nós.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BENTES, Sara. *E não se esqueçam de regar os girassóis*. Ed. do Autor, 2016.
- BARROS, Alessandra Santana Soares. Quarenta anos retratando a deficiência enquadres e enfoques da literatura infanto-juvenil brasileira. *Revista Brasileira da Educação*, Salvador, v. 20, n. 60, p. 167-183, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782015000100167&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 20 mar. 2019.
- BRASIL. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 4. ed. rev. atual. Brasília, 2012.
- BRASIL, Lei Nº 13146, de 06 de junho de 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 10 maio 2019.
- BRASIL. Decreto Nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 10 maio 2019.
- BRASIL. Decreto Nº 6.949 de 25 de agosto de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm. Acesso em: 10 maio 2019.
- BRUM, Eliane. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com palavras*. São Paulo: LeYa, 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9.ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 33-77, jul./ago. 2002. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9705/1/ARTIGO_UmaVozSol.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.
- FOUCAULT, M. *História da loucura*. Tradução Jose Teixeira Coelho Neto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*. Tradução Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- IBGE Censo Demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas cm deficiência. IBGE. 2012

LESSA, Orígenes. As cores. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 224-228.

MACHADO, Alcântara. *Apólogo brasileiro sem véu de alegoria*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957.

MAIOR, Izabel. História, conceito e tipos de deficiência. PROGRAMA ESTADUAL DE PREVENÇÃO e combate à violência contra pessoas com deficiência do governo de São Paulo. São Paulo, [2015] Disponível em: <http://violenciaedeficiencia.sedpcd.sp.gov.br/pdf/textosApoio/Texto1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MARIA, Luzia de. *Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras, 2005.

MOURA, Roberta Torres de; SALES, Jucelino de. Fraturas e interditos da loucura e suas representações na literatura brasileira. In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG: Inovação: Inclusão Social e Direitos, 3, 2016, Piriápolis-GO. *Anais [...]*. Piriápolis, UEG, 2016.

NOBRE, Luciane Aparecida. Personagens cegas na literatura brasileira: estereótipo e símbolo. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro: DDI, 2007.

NOWILL, Dorina. *E eu venci assim mesmo*. São Paulo: Totalidade Editora, 1996.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humano, de 10 de dezembro 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

PATRÓN, Laura. A solidão das mães especiais: Seja rede, seja aldeia. Palestra no TEDxUnisinos, 13 set. 2018. 1 vídeo (15 min 12 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9eyCmr7At04>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 24, p. 15-34, 2004. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9003>. Acesso em: 20 abr. 2019.

ROSA, João Guimarães. Soroco, sua mãe, sua filha. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962.

SÃO PAULO; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS); BANCO MUNDIAL. Relatório Mundial sobre a deficiência. São Paulo, 2011.

SARAMAGO, José. *Ensaio Sobre a Cegueira*. 71. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WERNECK, Claudia. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. 2.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

WERNECK, Claudia. *Quem cabe no seu todos?* Rio de Janeiro: WVA, 1999.